



# **Metáfora**

O Feminino e o Infantil



Revista de Psicanálise do  
Ágora Instituto Lacaniano

## **DIRETORIA DO ÁGORA INSTITUTO LACANIANO**

1. Diretora: Andréa Brunetto  
E-mail: [brunetto@zaz.com.br](mailto:brunetto@zaz.com.br)
2. Secretária: Mariangela Bazbuz Lima  
E-mail: [mbazbuz@terra.com.br](mailto:mbazbuz@terra.com.br)
3. Tesoureira: Inês Silva Serenza  
E-mail: [cerenza@terra.com.br](mailto:cerenza@terra.com.br)
4. Secretária de Ensino e Pesquisa: Karine dos Santos Vieira  
E-mail: [kvieiral@terra.com.br](mailto:kvieiral@terra.com.br)
5. Secretária de Biblioteca e Publicação: Aracy Mendes de Souza  
Fone (67) 731-2076
6. Suplente: Marilene Kovalski  
E-mail: [marilenekovalski@aol.com.br](mailto:marilenekovalski@aol.com.br)

## **ORGANIZAÇÃO DO Nº 1**

Mariangela BazBuz

## **AGRADECIMENTOS**

Pedro Kemp  
Fabrícia Verão  
Patt Helney

## **CAPA**

Obras de Pat Helney  
E-Mail: [patthelney@zipmail.com.br](mailto:patthelney@zipmail.com.br)  
Site: [www.planeta.terra.com.br/arte/patthelney](http://www.planeta.terra.com.br/arte/patthelney)  
Fone: (67) 9983-1846

# ÍNDICE

## EDITORIAL **7**

## TEORIA E CLÍNICA **9**

1. As formas do amor na partilha dos sexos **11**  
*Antonio Quinet*
2. Mãe, mãe minha, existe alguém mais bela do que eu? **21**  
*Marilene Kovalski*
3. Uma mulher deslumbrante **31**  
*Andréa Brunetto*
4. A ambivalência feminina no reino dos clichês fornecidos pela indústria cultural **37**  
*Dulce Regina dos Santos Pedrossian*
5. Um sujeito histórico entre o discurso e o significante d'A Mulher **43**  
*Rainer Melo*
6. Conta-se a verdade a uma criança? **47**  
*Mariangela Bazbuz Lima*
7. Falar de morte com as crianças **53**  
*Raymundo de Lima*
8. A fobia do Pequeno Hans **57**  
*Rosângela Corgosinho*
9. O lugar dos pais na psicanálise com crianças **63**  
*Ticiano Coutinho*

## RESENHAS **67**

- Um certo tipo de mulher **69**  
O que quer uma mulher? **71**  
Marrão: revista de psicanálise com crianças **75**



## EDITORIAL

*“Palavra de artista tem que escorrer substantivo escuro dele... tem de envesgar seu idioma ao ponto de alcançar o murmúrio das águas nas folhas das árvores... Tem que chegar enferma de suas dores, de seus limites, de suas derrotas. Ele terá que envesgar seu idioma ao ponto de enxergar no olho de uma garça os perfumes do sol.”*

Manoel de Barros nos encanta e emociona com a beleza de sua poesia. Aí repousa o valor artístico da metáfora, na riqueza das significações que possibilita.

Utilizando-se da poesia, a gramática vai definir metáfora como o emprego de um termo com um sentido que se lhe associa por força de uma comparação de ordem subjetiva. Uma comparação, um confronto inteiramente pessoal e emotivo.

“Uma palavra por outra eis a fórmula da metáfora”, nos diz Lacan. Afirmando que metáfora não é uma simples substituição, mas criação de um sentido a partir do não-senso, nos convida a observar que é na relação de substituição que reside a força criadora da metáfora. É por essa vertente que chega a comparar a atividade do analista com a do poeta. “É na substituição do significante pelo signifiante, que se produz um efeito de significação que é de poesia ou criação”.

A revista pretende ser um espaço aberto para aqueles que apostam na psicanálise e, como disse Maria Anita Carneiro Ribeiro no posfácio de *Um Certo Tipo de Mulher* – livro recém publicado, que consta na seção de resenhas – apostar na psicanálise é também apostar na palavra, na escrita e se dispor a pagar o preço de ir ao encontro de sua verdade.

Assim, nos arriscamos a dizer que, buscando encontrar um novo saber, um novo espaço para a criação, cada texto aqui apresentado é metáfora do desejo de seu autor. Lembramos aqui novamente Manoel de Barros quando diz *“inventar aumenta o mundo”*.

O primeiro número tem como temática *O feminino e o infantil* e quando estudamos “O que quer uma mulher” ou o que nos revela uma criança, buscamos essencialmente entender onde está o desejo de cada um, o que o faz

único, a partir de metonímias e metáforas que nos apresentam ao falar.

A capa com obras de Patt Helney harmoniza-se com a temática pois mostra as metáforas “d’ A Mulher”. A artista plástica com exposições no Brasil e exterior pinta, segundo ela, o ser humano no seu cotidiano, o movimento, a alegria. Seu trabalho se caracteriza pela simplicidade de seus desenhos, o lirismo e a repetição de signos. Patt pinta a mulher porque para ela o feminino representa a criação, o próprio universo na sua diversidade, na sua instabilidade e no seu potencial maravilhoso de amar.

O corpo da revista comporta dois seguimentos: o primeiro denominado *Teoria e Clínica* contém artigos que discutem a histeria e a feminilidade. Antonio Quinet fala sobre *As formas de amor na partilha dos sexos*; Andréa Brunetto, *Uma mulher deslumbrante*; Marilene Kovalski, *Mãe, mãe minha, existe alguém mais bela do que eu?*; Rainer Melo discute o sujeito histórico e o seu discurso e Dulce Pedrossian *A ambivalência feminina no reino dos clichês fornecidos pela indústria cultural*. Abordando o infantil temos quatro trabalhos: Raymundo de Lima discute como *Falar de morte com as crianças*; Mariangela Bazbuz fala sobre o tema da verdade na clínica com crianças; Ticiane Coutinho questiona o lugar dos pais na psicanálise com crianças e Rosângela Corgosinho faz uma análise da fobia do pequeno Hans, partindo da leitura que Lacan faz do caso. O segundo seguimento é composto de resenhas de livros, nesta edição especificamente sobre o feminino e o infantil.

Para concluir, gostaríamos de agradecer a Pedro Kemp, psicólogo e deputado estadual e a Fabricia Verão, da Allamare, que com seus patrocínios ajudaram a viabilizar essa publicação; bem como a Patt Helney que nos permitiu usar suas metáforas para falarmos da nossa.

Mariangela Bazbuz

# **Teoria e Clínica**







## AS FORMAS DE AMOR NA PARTILHA DOS SEXOS

*Antonio Quinet*

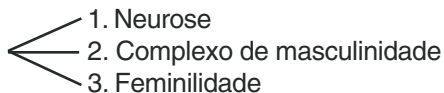
Partirei do famoso texto de Freud sobre *A feminilidade*<sup>1</sup>, para introduzir as formas do amor na partilha dos sexos: a forma fetichista do amor do homem e a forma erotomaniaca do amor da mulher.

*A feminilidade* é o texto que Freud escreve para tentar responder ao que ele chama de ‘enigma da mulher’. A primeira coisa que *ele faz* é desfazer a equivalência, proposta por ele mesmo, entre: feminino = passivo e masculino = ativo, pois “há mulheres que podem desenvolver uma grande atividade em diferentes direções e há homens que só podem viver num certo grau de submissão passiva”<sup>2</sup>. Após esta correção de sua posição, Freud parte para o exame do complexo de Édipo e o de castração.

Ao constatar que também para a menina o primeiro objeto de amor é a mãe, a questão de Freud é: por que, diferentemente do menino, a menina abandona a ligação com a mãe? Esse não é o caso do homem que mantém a mulher como objeto de amor para toda a sua vida. A questão de Freud é saber o que faz a menina se desligar da mãe e se voltar para o pai. A partir do momento em que a menina abandona a mãe como objeto e se liga ao pai, tudo parece ocorrer sem maiores problemas. Todo o problema da sexualidade feminina se centra exatamente nesta passagem da mãe ao pai. Mas o que determina esta passagem? É o complexo de castração, uma resposta relativa a falta-a-ter: a menina faz de sua mãe a responsável por sua falta de pênis, e não lhe perdoa esta desvantagem.

Tal como no caso do menino, o complexo de castração para a menina se inicia diante da visão dos órgãos genitais do outro sexo. Diante da diferença, “ela se sente gravemente lesada e sucumbe à inveja do pênis (*penisneid*)”, ou como elegantemente Lacan diz à nostalgia. *da falta-a-ter*; a nostalgia de algo que ela jamais tivera. Entretanto, o simples reconhecimento da falta de pênis não leva a menina a se submeter facilmente à castração. A partir da descoberta da castração há três saídas possíveis:

Complexo  
de castração



Esta distinção freudiana é essencial e, como sabem, Lacan mantém esta repartição esquemática proposta por Freud.

**1. A escolha da neurose:** Diante da inveja do pênis, a menina abre mão da sexualidade fálica. “Humilhada, ela renuncia à satisfação masturbatória e rejeita seu amor pela mãe e, com isto, boa parte de suas aspirações sexuais”<sup>3</sup>. Seu amor, na verdade, era dirigido à mãe fálica. Diante da descoberta da ausência de pênis na mãe, a menina deixa-a cair como objeto de amor, a desvaloriza, e a odeia. Mas, nesta passagem da mãe para o pai como objeto de amor, algo aí se detém e a sexualidade fálica é abandonada.

**2. O complexo de masculinidade:** Há uma recusa da menina em reconhecer a castração da mãe e, tomada por uma revolta impregnada de desafio, ela exagera a masculinidade e se refugia na identificação com a mãe fálica, ou com o pai. O pai não intervém aí a não ser pela identificação imaginária.

Freud não vai situar aqui a homossexualidade feminina, que tem origem na situação edipiana e na não aceitação da decepção causada pelo pai. A menina se decepciona por não obter o que espera do pai: o falo sob a forma de um filho; diante desta decepção, ela regride ao complexo de masculinidade, a ele se agarrando.

**3. Saída pela feminilidade:** Diante da castração da mãe, a menina renuncia ao amor desta e se volta para o pai com “o desejo de pênis, do qual sua mãe a frustrou”. Mas a situação feminina só é instaurada quando o desejo de pênis é substituído pelo desejo de filho. Eis, diz Freud, “o desejo da feminilidade efetuado, realizado”<sup>4</sup>. Neste trecho, Freud hesita. Apesar de ele afirmar que o desejo feminino é o desejo de filho, tem-se a impressão de que não está muito certo quanto a isso, porque diz que nesta expressão ‘desejo de um filho do pai’, este ‘um filho’ é mais importante do que ‘do pai’. Freud diz, então, que talvez possamos reconhecer mais o desejo feminino no desejo do pênis do que no desejo do filho.

Se formos resumir a proposta de Freud neste artigo, diremos que ele propõe uma partilha dos sexos a partir do falo - ter ou não ter o falo - e rebate o desejo feminino sobre o desejo de filho, fazendo equivaler portanto a mãe à mulher.

É exatamente em relação a estes dois aspectos que Lacan se posiciona de modo diferente, indo mais além do ponto em que Freud deixou esta questão. Em contraposição a este ‘ter ou não ter o falo’, Lacan propõe que é justamente por não ter que a mulher se torna o falo. Ela se transforma naquilo que ela não tem. A ausência de falo é o que condiciona justamente a mulher a ser um objeto fálico. “É a ausência de pênis que a faz falo”<sup>5</sup>. Ela só é objeto de desejo, na condição de encamar para o parceiro a significação da castração. Para se tomar objeto causa de desejo para o parceiro, tem de ocupar este lugar de ser o falo. Para tal, ela tem de se apresentar sempre com o sinal de menos, com uma menos valia qualquer, enfim, tem de estar marcada pela castração de alguma forma, como por exemplo *A mulher pobre*, de Léon Blois, que mostra a mulher que não tem nada, representando aquilo que falta.

É a falta que toma alguém objeto de desejo para o outro. Como também ocorre no caso do homem em relação à mulher. Para ele ocupar este lugar de objeto de desejo para uma mulher, ele tem de estar marcado por um menos qualquer. Eis a estrutura apreendida por Lacan a partir da posição feminina.

Quanto à questão do desejo feminino, qual a função do filho? Se o filho vem tamponar a falta, respondendo ao lugar de desejo, isto não quer dizer que ele se situe como um objeto causa de desejo da mulher. É justamente o órgão viril que ela encontra no parceiro que vem preencher a função de semblante fálico, e que será transformado por ela em fetiche.

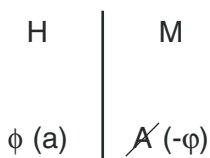
Lacan diz em *Notas para um Congresso sobre a sexualidade feminina*, que a falta-a-ter engendrada pela frustração estrutural da demanda, é substituída pela falta-a-ser, que o falo simboliza. E a partir desta substituição, ou seja, deste deslizamento da falta-a-ter à falta-a-ser “que entra o clitóris antes de sucumbir na competição, e o campo do desejo precipita seus novos objetos (na primeira fila o filho por vir) da recuperação da metáfora sexual, onde já tenham se enveredado todas as outras necessidades”<sup>6</sup>.

Lacan retoma aqui uma discussão freudiana do clitóris como um dos equivalentes do falo; ele entra como um dentre outros objetos da metáfora sexual, que poderíamos escrever assim:

$$\frac{\text{falta-a-ser}}{\text{falta-a-ter}} \rightarrow \frac{\text{clitóris}}{\text{desejo}} \rightarrow \frac{\text{novos desejos}}{(- \varphi)} \quad (\text{filho})$$

A problemática da falta-a-ter é simbolizada como falta-a-ser a partir da questão do clitóris, onde se dá a sexualidade fálica, ou seja, no campo do desejo. Desta forma, novos objetos, inclusive o filho, serão constituídos como objetos sexuais, marcados por  $(-\phi)$ .

Em *Observações sobre o Informe de Daniel Lagache*, Lacan situa o desejo masculino e o desejo feminino dentro da dialética do amor e do desejo. O desejo masculino é representado pelo matema  $\phi$  (a), sendo  $\phi$  o significante do gozo e do desejo neste momento do ensino de Lacan e o objeto a - no caso o outro - a mulher: a mulher como a vem no lugar do significante fálico.



O desejo feminino é escrito como desejo de falo - o falo imaginário, o pênis fetichizado como falo que a mulher vai encontrar no parceiro sexual, no lugar de A. A forma erotomaniaca de amor do lado feminino significa que a mulher ama de uma forma- delirante, na medida em que está suspensa ao Outro. Se na paranóia há uma certeza do amor do Outro, no caso da mulher esse amor é marcado pela incerteza.

Do lado do homem, este ama uma mulher, a quem designa com um ‘tu és minha mulher’, para receber a sua própria mensagem de forma invertida (eu sou teu homem’), situando-o tranqüilamente na partilha dos sexos, “na medida em que o significante do falo a constitui como dando no amor aquilo que ela não tem”. Mas, diz Lacan, o desejo do homem se situa para além dessa mulher”. Onde? Numa *Vénusberg* (referência à caverna de Vênus ou ao monte de Vênus onde se encontra Tannhäuser, no início da ópera de Wagner) - onde proliferam as girls-phallus. Seu próprio desejo de falo fará surgir seu significante numa outra mulher, que pode significar o falo de diversas formas: prostituta, virgem, enfim, qualquer figura que venha simbolizar o falo<sup>7</sup>.

No inconsciente do homem, com as girls-phallus o sujeito vê ressurgir o desejo do Outro como ‘falo desejado pela mãe’, mostrando como o sujeito se encontra justamente dentro desta estrutura edipiana. Ele que achava estar se afastando cada vez mais do âmbito edipiano materno, na verdade vai reinstaurar exatamente isto, desejando o falo como significante do Outro materno.

Por que Lacan chama isto de forma fetichista de amor? Porque este revestimento fálico que o homem faz da mulher vela o horror da castração, impedindo que o homem se depare com a mulher como representante do Outro sexo. Ele a faz falo fetichisticamente para poder desejá-la e gozar dela, pois se não houvesse este artifício não haveria possibilidade de um homem abordar uma mulher.

Vejamos agora a posição feminina. O *desejo de pênis* explica inteiramente a questão do desejo feminino? O pertencimento do pênis real ao parceiro em quem ela vai encontrar seu significante do desejo, faz com que ela esteja ligada a este homem de forma unívoca, sem duplicidade nenhuma? Será que a duplicidade só se encontra do lado do homem? Lacan, nesse texto introdutório sobre a sexualidade feminina, desvela a duplicidade implícita na forma de amar da mulher.

Quem é o Outro para a mulher? Tanto o menino quanto a menina se deparam com a castração do Outro, ou seja, a mãe submetida a uma lei; e isto faz com que a alteridade na sexualidade se encontre desnaturalizada. Não há nada mais de natural na sexualidade, na medida em que o que ocorre no complexo da castração é da ordem de um Outro simbólico. A alteridade sexual não é, portanto, equivalente ao que se imaginariza: que o outro para mulher seja o homem.

“O homem serve aqui de relais (*conector*) para que a mulher se torne este Outro para ela mesma, como ela é para ele”<sup>8</sup>. A mulher não é um ‘eu mesma’ para si própria, ela é (e não o homem) um Outro para si mesma. Lacan chega a dizer que a mulher na dialética falocêntrica representa o Outro absoluto.

Por que a mulher precisa do homem para se sentir Outro para si mesma? A mulher utiliza o homem como traço distintivo da função fálica, para que se divida em: por um lado, ela é igual ao homem, podendo se espelhar ‘nele a partir deste traço distintivo do falo inserindo-se na ordem fálica; por outro lado, tem algo totalmente diferente, para-além do falo. Essa divisão a constitui como um Outro para si mesma.

Para ascender ao Outro, lugar do inconsciente onde se coloca em jogo a castração simbólica, ela precisa do homem como conector. Por quê? Porque ela vai encontrar nele o significante de seu desejo de pênis, que encontra aí seu valor de fetiche e que fará com que ela coloque em jogo sua própria castração simbólica. A mulher encontra este significante no corpo de seu parceiro sexual, ao qual ela dirige sua demanda de amor. Porém, esse traço fálico não lhe dá garantia alguma do amor do parceiro e ela fica esperando um sinal de amor, o que vem dar a forma erotomaniaca de um ‘ele me ama. Mas, como esta forma

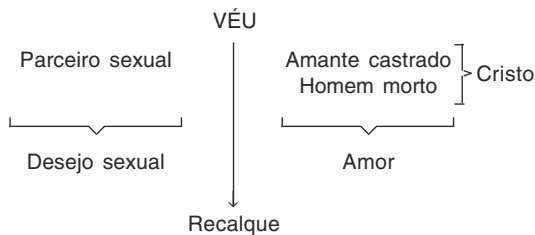
erotomaniaca de amar da mulher não é psicótica, este ‘ele me ama’ é sempre acompanhado de um ponto de interrogação: ele me ama? - a eterna pergunta da mulher.

Trata-se de um amor sempre mordido pela dúvida, pois o amor dela não é propriamente dirigido ao parceiro. Na verdade, o jogo de escamoteio se situa do lado da mulher: ela diz amar o seu parceiro sexual quando na verdade se trata aí de um outro objeto de amor, que Lacan vai situar como o ‘incubo ideal’.

Mas, segundo Lacan, ‘não há virilidade que não seja consagrada pela castração’. Uma mulher só pode reconhecer a virilidade de seu parceiro marcando-o inconscientemente com a castração simbólica. Algumas mulheres sabem conscientemente que marcam - e como o parceiro com a castração e que é necessário este jogo para que ele possa ser desejado por ela. É uma estratégia conhecida pela histérica que unilateraliza a castração do lado do homem para escamotear a própria falta.

Lacan propõe um jogo de cena na forma de amar da mulher onde há um homem na frente do véu, e um outro por trás. Na frente do véu, há o parceiro sexual no corpo de quem a mulher vai encontrar o significante de seu desejo. Atrás do véu, aparecem os efeitos da castração que a mulher imputa ao homem sob a forma do amante castrado ou do homem morto (que podem ser resumidas na figura do Cristo). São formas que, estando veladas no parceiro sexual, mostram o ‘outro homem’ da sexualidade feminina.

Se o desejo feminino visa o parceiro sexual diante do véu, é de um ponto atrás do véu que é chamado o seu parceiro no amor. O que é da ordem do desejo sexual da mulher está desvelado enquanto o que é propriamente o amor está atrás do véu, segundo a forma erotomaniaca de amar que supõe o amor deste Outro velado pelo recalque.



O parceiro sexual não é então o objeto de adoração da mulher, mas sim esta figura do homem submetido à castração, que é chamado aqui por Lacan de o íncubo ideal: “por trás do véu do parceiro sexual vai se perfilar o íncubo ideal”.

Termo utilizado na Demonologia da possessão, o íncubo é um tipo de demônio que vem possuir as mulheres à noite, durante o pesadelo. Íncubo vem de *incubare*, que significa estar deitado sobre, tomar posse de, usurpar. Em latim, este termo também quer dizer pesadelo, ou seja a, o peso do gozo do Outro sobre o peito do sujeito, que é como Lacan define a angústia do pesadelo no *Seminário X*.

Este íncubo ideal é uma figuração do pai morto como guardião do gozo, instaurador da lei e do desejo, sendo também o agente da castração. É a figuração do Nome-do-Pai, do lugar da exceção, do pai da horda primitiva de Totem e tabu, que é por um lado o pai da lei e, por outro, também o pai do gozo - aquele que seria o guardião do gozo. É deste lugar do pai que vem uma ameaça de castração, que para ela é inoperante. O efeito disso, diz Eric Laurent é “uma irrealização da função paterna”<sup>9</sup>. A figura paterna se desdobra na figura do pai impotente, aquele que é inoperante na castração e na figura compensatória do pai ideal, que é construída para salvá-lo de sua impotência.

Com o íncubo ideal aparece o pai como detentor do gozo, pai idealizado a quem a mulher faz sua demanda de amor e clama por sua adoração. Na clínica vemos que algumas mulheres chegam a representar este Outro do amor que sustenta o circuito do gozo como uma figura paterna, aparecendo nestas versões do homem morto ou do amante castrado. Trata-se do pai da exceção, o Nome-do-Pai, que se vincula à lei e ao símbolo e também com o real do gozo, surgindo como o demônio que à noite vem gozar do corpo da mulher.

Dizer que a condição do gozo feminino se relaciona apenas ao órgão masculino é reduzir a questão. Trata-se de um circuito que parte deste ponto atrás do véu e vai culminar no órgão masculino desejado, que aparece em primeiro plano e que Freud chama de ‘desejo de pênis’.

Onde localizar o gozo aí? Ora, o gozo não é localizável. Lacan não retoma a discussão em tomo do gozo clitoriano e do gozo vaginal que ocorreu nos anos 30. Ele situa o gozo em algum ponto deste trajeto, que vai do Nome-do-Pai (ou pai do gozo) ao pênis fetichizado. “É desse íncubo ideal que uma receptividade de abraço deve ser remetida a uma sensibilidade de cinta em relação ao pênis”<sup>10</sup>. Entretanto o gozo, ou a adoração, se situa mais para o lado do amor, e o desejo, para o lado do pênis do parceiro.



O gozo feminino se situa mais do lado do amor, como se pode verificar clinicamente na superestimação pelas mulheres do amor em relação ao desejo.

Há, no entanto, um obstáculo neste circuito do gozo que vai do íncubo ideal até o parceiro sexual: é a identificação imaginária do sujeito feminino ao falo, que sustenta a fantasia. O que é uma identificação imaginária ao falo? Por não suportar ser marcada pela falta, a mulher quer se mostrar como inteira. Identificando -se com o traço do Um, ela faz obstáculo a ser marcada pela falta - eis o recurso da histeria.

A dificuldade da posição feminina é discutida por Lacan neste momento como situando a mulher entre 'uma pura ausência e uma pura sensibilidade'. Podemos dizer que ela se posiciona entre uma pura ausência do pai, que não responde ao apelo de sua adoração, e uma pura sensibilidade sem representação, do lado do gozo. Daí ela recorrer ao desejo, que é vinculado ao significante fálico, que Lacan chama de narcisismo do *desejo*.

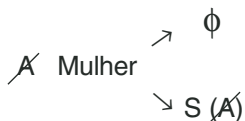
Esta expressão *narcisismo do desejo* é um paradoxo, pois narcisismo se refere ao eu, ao amor pela imagem, e o desejo é sempre do Outro. Lacan propõe o recurso ao narcisismo do desejo para resolver esta dificuldade da posição feminina. O narcisismo do desejo é o amor pela imagem desejante; o amor pela falta. No narcisismo do desejo, o amor pela imagem vem suprir a falta-a-ser, dando como resultado o amor pela falta. A imagem rainha surge como a própria imagem do desejo - o fazer-se desejante e desejada a partir da imagem.

A estrutura da forma de amor erotomaniaco do sujeito feminino mostra a duplicidade que na realidade aparece velada. O que aparece, na frente do véu, é freqüentemente a existência de um só parceiro do qual é exigida a fidelidade sob a alegação de sua própria fidelidade. A estrutura apreendida por Lacan da sexualidade feminina desvela o que se poderia chamar de traição constante da mulher com o íncubo ideal. Ela que apregoa sua fidelidade, trai sempre o parceiro, seja com o amante castrado, seja com o homem morto, ou com os dois juntos.

“Esta duplicidade é tanto mais mascarada quanto a servidão do conjuge torna-o apto a representar a vítima da castração”<sup>11</sup>. Quando a mulher encontra um parceiro servil, esta duplicidade é ainda mais velada, pois a servidão do parceiro é aquela em que este faz da mulher um tudo para ele e o resultado é ser nada menos do que a vítima da castração feminina.

Esta duplicidade da sexualidade feminina entre o *íncubo ideal* e o parceiro sexual representa a duplicidade entre amor e desejo na mulher. É isto que faz com que Lacan, nos anos 70, proponha o desdobramento da sexualidade

feminina como vinculada ao gozo fálico e tendo acesso também a este outro gozo, a algo a mais que Lacan chama de gozo enigmático. Podemos dizer que há aí um deslocamento do que Freud chamou de ‘enigma da mulher’ para o que Lacan, nos anos 70, chama de ‘enigma do gozo feminino’: a mulher se encontra no gozo fálico, mas não apenas.



A igualdade dos sexos é absoluta no que se refere ao falo ( $\mathcal{A} \rightarrow \phi$ ). Só que a mulher tem algo a mais para além do falo: o gozo enigmático, louco, tal como é encontrado nos místicos, que não tem significante para conter em um universo ( $\mathcal{A} \rightarrow S(\mathcal{A})$ ).

## NOTAS

1. FREUD, S. - “Novas conferências introdutórias, à psicanálise”, ‘A Feminilidade’ (1932), *Obras completas, vol. XXII, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1976.*
2. Idem, *Ibidem*, p. 143.
3. Idem, *Ibidem*, p. 155-156.
4. Idem, *Ibidem*, p. 15 8.
5. LACAN, J. - “Subversion du sujet et dialectique, du dê sir dans l’inconscient freudien”, *Écrits, Paris, Seuil, 1966, p.730.*
6. Idem, “Propos directifs pour un Congrès sur la sexualité féminine” (1958), *op. cit.*, p.730.
7. Idem, *Ibidem*, p.733.
8. Idem, *Ibidem*, p.732.
9. LAURENT, E. - “Positions féminines de l’être”, in: *La Cause freudienne, n.24 - ‘L’Autre sexe’, Paris, Navarin-Seuil, 1993, P.1 10.*
10. LACAN, J. -”Propos directifs pour un. Congrès sur la sexualité féminine”, *op. cit.*, p.733.
11. Idem, *Ibidem*, p.734.

*Psicanalista, psiquiatra, membro da Associação Fóruns do Campo Lacaniano e da Internacional Fóruns do Campo Lacaniano, Doutor em Filosofia pela Universidade Paris VIII, autor de Teoria e Clínica da Psicose, As 4 + 1 condições da análise, A descoberta do inconsciente e O mais-de-olhar (no prelo).*

Antonio Quinet  
 Rua Joaquim Campos Porto, 395 - Jd. Botânico - Rio de Janeiro/RJ  
 Fone (21) 2294-0786  
 E-Mail: quinet@openlink.com.br



## **MÃE, MÃE MINHA, EXISTE ALGUÉM MAIS BELA DO QUE EU?**

*Marilene Kovalski*

Esta é a síntese da construção do caso clínico de uma moça de 25 anos, solteira, que procurou a clínica para “se conhecer”. Passarei a denominá-la de Bela.

Após um período inicial de mais ou menos 10 meses marcado por idealizações, negações e superficialidades através de uma “crise de pânico”, coloca verdadeiramente sua questão: A mãe descobriu que estava grávida logo após ter feito uma laqueadura. Não tendo nascida de uma escolha da mãe, “raspa do tacho”, quarta filha, segundo a mãe, não tinha desejado nenhum deles, que lugar ocupa ela no desejo materno?

Lembra-se que sempre perguntava a sua mãe qual de suas filhas era a mais bonita, e não sossegava enquanto a mãe não dissesse que era ela. Ela devia ser “a mais” para ser aceita e amada pela mãe? Por que a beleza? Qual é a sua verdade? O que quer essa mulher? E todas as outras?

Na primeira sessão, traz um fato ocorrido na infância que sugere o encontro com o sexual. Nas sessões seguintes, durante um longo período, se mostrava passiva, querendo agradar, trazendo conteúdos selecionados por ela como bons, sempre protegendo “seu mundo idealizado”. Seu relacionamento familiar é marcado com certo distanciamento. Com a mãe é conflitante, ela não aceita seu namoro, com o pai é bom.

Um certo dia, voltando da universidade, onde cursava o último ano, diante de um sinal de trânsito vive sua primeira “crise de pânico”. A sensação era como se o carro não fosse sair do lugar, “as pernas tremiam, o coração palpitava forte, as mãos e o corpo soava frio e a sensação era de desmaio eminente”. Parecia que não ia suportar e morrer antes mesmo de chegar em casa.

A noite, na sessão, descreveu o ocorrido com detalhes e forte emoção, chorava muito, o suor era intenso e a angústia enorme (pânico). Mais tarde ela elabora essa cena: “Dentro do carro, eu me representava como na barriga de minha mãe, preste a nascer. O sinal vermelho que tanto me apavorava, significava

que ainda não era a hora, mais na verdade, o que sentia era um desejo enorme de sair, de poder nascer, daí porque da minha angústia e da minha falta de ar”.

As crises aumentavam progressivamente num período de um ano e meio a ponto de ter medo de andar sozinha em qualquer lugar, de atravessar a rua, de não saber voltar para casa, de dirigir, de andar de ônibus, “parecia uma criança perdida no supermercado”. Só saía se estivesse acompanhada por alguém que confiasse muito. Seu mundo ficou restrito e limitado. A dependência, a insegurança era grande.

Neste período, solicitou sessões extras, e ao mesmo tempo duvidava da eficiência do processo e culpava a terapia. Segundo Bela se não tivesse vindo à terapia nada disso estaria acontecendo. “Ir a terapia era a morte, resistia a tudo”. Sua idéia era que estava doente”. Não sabia em que e em quem acreditar, nada fazia relaxar. O que estava vivendo, as crises e mesmo o processo psicoterápico não eram compartilhados com ninguém (família, namorado), interrompeu por duas vezes.

Para uma compreensão melhor, é preciso pensar no desejo da mãe pela criança; a criança como se vincula à mãe, a entrada da figura paterna, e o desejo e a feminilidade.

### *O desejo da mãe pela criança*

A mãe não esperava mais uma gravidez, “mas eu já estava lá, tentando arrumar uma forma, sei lá como, de sobreviver a essa rejeição. Ser aceita e amada por ela e por todos, foi minha vida, sendo perfeita em tudo para angariar afeto e reconhecimento. Tudo feito com muito carinho e alegria, aliás sorrisos é que não faltavam em minha boca. Não sei de que, mas eram muitos. Minha vida era vivida para e pelos outros”. Daí a pergunta que fazia diariamente a sua mãe quando criança: qual de suas filhas era a mais bonita?

O desejo da mãe tem dois sentidos: o desejo da mãe pela criança e o desejo da criança pela mãe. Segundo Lacan só existe uma maneira de desejar qualquer que seja o sexo: Aquele que emerge da relação com a mãe. A vertente ativa e passiva deste desejo compreende os dois sentidos pelos quais pode ser entendido o desejo da mãe.

No desejo da mãe por sua filha, a criança ocupa primeiramente a posição daquilo que vem arrolhar a falta que causa o desejo: a criança faz de sua mãe uma

mulher “plena” uma mulher preenchida. Neste estágio, a criança menino ou menina -não é ainda mais que uma parte do corpo da mãe: mesmo que o parto tenha ocorrido, pode-se dizer que a criança ainda não foi “posta no mundo” enquanto sujeito.

Se mais uma gravidez não era o desejo de sua mãe, como não fora com os demais, como poderia essa mãe investi-la se este fato não estava em conformidade com seu eu, com sua imagem narcísica? Que desejo poderia ter esta mãe em relação a este bebê?

Todos diziam que o bebê era lindo. Bela decodificou que, não sendo desejada, raspa do tacho, se fosse linda seria amada pela mãe?

O desejo da mãe pela criança passa, pois, por uma condição: é que a criança, enquanto objeto a seja revestida de um imaginário que permite a mãe ao mesmo tempo reconhecê-la e suportá-la neste lugar de objeto. Esta condição, afinal, não diz senão da aliança entre a libido objetual e a libido do eu. Segundo Freud, para ser investido, o objeto deve estar em conformidade com o eu, em outras palavras, envolvido por uma imagem narcísica.

### *E a criança, como se vincula a mãe?*

Lacan nos ensinou que uma **identificação imaginária** só se fixa como semelhança do sujeito se puder se apoiar sobre um traço simbólico “traço unário”, como ele o chama, espécie de significante mínimo que o sujeito apanha do outro para arrimar sua identidade.

Em que traço unário Bela se apoiou para arrimar sua identidade? A beleza? Ou atrás dela a feminilidade? Sendo Bela, teria um lugar no desejo da mãe?

A mãe, por outro lado, não pode em caso algum fornecer a filha um traço unário, que suporte a sua identidade de menina, pelo motivo de que o significante da identidade feminina não existe. É com esta falta radical no Outro que a menina vai se confrontar, é a falta de uma “palavra ausência” de uma palavra “furo”, buraco onde todas as outras palavras teriam sido enterradas.

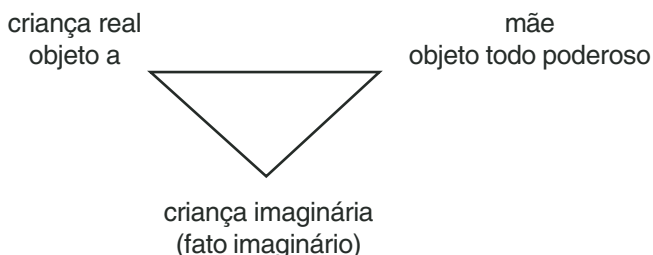
É constante nas sessões, no discurso de Bela, o desejo de ouvir da mãe uma palavra. Demanda a esta mãe, através de sua beleza, do estudo, do trabalho, da busca incessante em agradá-la, sendo perfeita, e por último lhe dando para ler

o relato de sua história, e a palavra não vem. Demanda esta, que a mãe não responde, não desmente, se cala, emudece. Coloca-se numa posição fálica não castrada, não faltante, impedindo que Bela caminhe em direção ao amor do outro pai e do namorado.

A psicanálise nos diria que no sonho a nudez é uma representação da morte. Diante da intensidade da angústia vivida por Bela eu diria que o não dizer da mãe sinaliza a morte à medida que a aprisiona. Como Narciso que definha diante do espelho d'água. Para Bela a palavra da mãe é portadora do seu existir, traduzindo o desejo que a mãe tem por ela.

Se a mãe ocupa este lugar para Bela, há responsabilidade de Bela por este lugar que a mãe ocupa em sua história, pois ela continua como o personagem da história espelho, espelho meu. Aprisionada à mãe.

Vê-se que neste nível elementar, a relação mãe - criança é inicialmente triangular: de um lado a mãe como outro todo poderoso, do outro a criança enquanto objeto real entregue ao gozo materno e no outro oposto a criança imaginária, onde se deposita o narcisismo materno.



Entre a criança real e a criança imaginária se observa todos os tipos de identificações. Bela, travou um batalha interminável a fim de se identificar com a criança imaginária que responderia a falta da mãe.

### *A entrada da figura paterna*

A relação entre a menina e sua mãe traz uma separação sempre odiada pelo estatuto ocupado pela mãe na estrutura da filha: ao mesmo tempo objeto de

amor e pólo de identificações. Embora o momento em que a filha mais a odeia seja também aquele que deve se identificar com ela.

A dificuldade do Édipo feminino está ligada ao fato que se conserva a título de identificação, o elemento que deve ser abandonado a título de objeto de amor. Para Freud, atrás de uma vinculação tão intensa que as mulheres tem com seu pai, há uma relação inapagável com sua mãe. Pois a mãe como iniciadora através dos cuidados corporais, ocasiona as primeiras sensações de prazer nas zonas genitais.

A fantasia de sedução pelo pai, mais tarde, vai levar em conta esta sedução, sendo a mãe o primeiro objeto, a menina é levada a renunciar a ela para substituí-la pelo pai.

Porém, como se observa na literatura psicanalítica, Bela também designa seu responsável: o pai, insuficiente por definição.

Quando inicia o processo terapêutico, traz o medo da morte do pai, depois, a fragilidade dele diante dos conflitos entre ela e a mãe quanto as questões relacionadas ao seu namoro. Compreende a filha, mas se mostra incapaz de interceder junto à mãe, e mais tarde o seu temor diante da impossibilidade em assumir os compromissos financeiros da família.

Ela percebe a impotência paterna, ao invés de se queixar, ela dedica-se a reparar este pai falho, idealizando-o, pondo-se a serviço de seu falo tão pouco a altura.

Do devotamento ao desafio torna-se a porta-estandarte do falo. Exige que o falo lhe entregue o que ele não pode lhe dar: um signo da identidade feminina. Bela busca o apoio no pai e este revela a sua insuficiência.

Ela denuncia, a impotência fálica, em nome de um falo ainda mais potente, que quer mais e mais, e não cessa de demonstrar que nunca é o bastante. Faz muitas coisas ao mesmo tempo, exigindo-se muito em tudo e um medo enorme (pânico) diante da possibilidade de não conseguir, (situações de vida diária).

Atualmente trabalha, faz caminhadas pela manhã, curso a noite, dança do ventre, regime, cuidado com a pele, cabelos, dentes e etc...

Segundo ela, buscou a terapia, apenas para “se conhecer”, e recentemente em seu relato diz “com as palavras sábias de minha mãe, apenas para ser mais”. Questionei sobre o que significa ser mais, ela responde ser mais como pessoa. Seria por acaso ser mais que uma mulher? A não aceitação da castração, ser mais do que é, para poder adentrar, alcançar o desejo da mãe?



## **Para compreendermos um pouco mais de Bela, vamos pensar sobre histeria e feminilidade.**

Diz Freud, existe uma estreita ligação entre a fase do laço com a mãe e a etiologia das neuroses. A histeria não se coloca apenas como uma neurose, mas também, simplesmente, como uma maneira de colocar a problemática de feminilidade. Pois a falta de uma identidade propriamente feminina deve ser encontrada por toda a mulher.

É preciso convir que uma mulher se encontra sempre - a menos que atue como mulher fática - um pouco em falso com sua identificação imaginária: sua imagem corporal que lhe aparece sempre como alguma coisa essencialmente frágil. Daí essa extrema atenção que as mulheres dão em geral a essa imagem e a necessidade de serem constantemente reassseguradas de sua feminilidade. Como Bela em sua questão, mãe qual de suas filhas é a mais bonita?

É, pois, em relação ao que representa ou não representa para a mulher, seu órgão sexual, que ela se volta para o narcisismo: sempre com ele esperando uma compensação pela beleza de sua imagem corpórea.

Segundo Lacan é para ser o falo, quer dizer, o significante do desejo do outro, que a mulher vai rejeitar uma parte essencial da feminilidade. É pelo que ela não é, que ela quer ser desejada e ao mesmo tempo que amada.

A histórica denuncia a falta de uma identidade, de um significante do sexo feminino, a ausência no outro e a falha que daí resulta ao nível de identificação especular. Daí o apelo de Bela, espelho, espelho meu, mãe, mãe minha, existe alguma filha mais bela do que eu? Quem sou eu?

Segundo Freud a própria natureza do desejo comporta alguma coisa histórica: a falta, a ausência, as mulheres que são afetadas pela cegueira histórica não são, assim, cegas a não ser na consciência, no inconsciente elas vêem.

Esta visão inconsciente levou Bela a buscar o processo terapêutico – “para se conhecer” - apesar de não ter consciência do seu conflito, a princípio atenuado pela negação e idealização, apresenta posteriormente em seu extremo - Síndrome do Pânico - o que eu chamo de angústia. Manifestação histórica diante do complexo de castração, da separação da mãe, da percepção da falta, da identificação feminina.

Seu conflito: ao mesmo tempo em que Bela denuncia sua falta vindo à psicoterapia, ela não permitia revelar. Resistindo diante das sessões e do não

compartilhar. Ao mesmo tempo adorada e subjugada à mãe se mostrava ávida, a saber. Ela buscava um saber sobre seu inconsciente - denuncia a falta - ao mesmo tempo tendo que manter a imagem de bela, perfeita para ter o amor da mãe.

Quando a situação se torna incontrolável ela partilha primeiro com a irmã, que possa lhe fazer companhia nas crises, nas sessões, ao médico e nas situações de vida diária.

Uma das últimas crises, talvez a mais intensa, foi quando resolveu visitar o namorado, sem aprovação da mãe. No ônibus, numa noite chuvosa, numa estrada que levaria a uma cidade próxima, “nada e ninguém fez com que meu pânico diminuísse, por mãos divinas eu não tive coragem de descer naquela estrada escura e deserta”, só se acalmou quando pediu a um casal que conversassem com ela até chegar a seu destino. Lá, mesmo com muita angústia não consegue partilhar com ele (medo da desaprovação) e a distância era flagrante.

Ao voltar, veio ao consultório, numa situação limite, em pânico. Pedindo ajuda, e dizendo não suportar mais. Sugeri conversar com os pais para que pudessem lhe ajudar, neste momento já estava com acompanhamento psiquiátrico.

Após meu último atendimento da noite, ela e a mãe aguardavam na sala de espera. Durante a entrevista enquanto o discurso dela era sobre o mal que lhe afligia oriundo das desaprovações da mãe às visitas ao namorado, o discurso da mãe era sobre a moral, se apresentavam com discursos completamente diferente ela falava do desamparo, do medo, da angústia, a mãe falava da imoralidade de uma moça solteira visitar o namorado sozinho. Uma não via, não ouvia, não reconhecia a outra.

Meu esforço foi apresentar, traduzir literalmente uma para a outra, na tentativa que essa mãe pudesse “ver essa filha”, tarefa que não foi fácil com muita resistência da mãe entre a filha real e a filha imaginária. No final da entrevista, percebi um certo êxito. Não havia uma compreensão da mãe sobre o problema, mas de certa forma a aceitação da entrada do terceiro na relação. Uma “certa” permissão do processo psicoterapêutico. Do desejo da filha.

Este momento marcou o processo, que vem evoluindo gradativamente de forma significativa. Com 8 meses deixa a medicação, já esboça melhoras sensíveis em todas as áreas. “Os comprimidos vão sendo substituídos pelas palavras de minha história”. O saber sobre seu inconsciente.

Compreende que todo o pânico vivido tem relação com o vínculo materno e ainda apresenta resquícios deste conflito. Ela chega a sessão e diz,

“eu senti que minhas últimas sessões estavam mornas (resistência) faltei, foi bom pensei e tenho que te dizer percebi que não adianta mais, vou desistir, vou ter que fazer uma escolha entre eu e minha mãe (chorando), eu já tentei de tudo para agradá-la, percebi que tudo o que eu faço não é suficiente, só se eu abrir mão das minhas coisas, da minha vida, e isso eu não vou fazer, não queria que fosse assim, mas percebi que não vou conseguir”. Para ser a filha perfeita da mãe ela teria que se apagar como sujeito desejante. Uma busca infundável em atender o desejo do outro.

### *O que é ser mulher?*

A identificação fálica sublinha a exclusão do feminino. Mas é incompleta, insuficiente para atribuir a um sujeito a seu lugar de mulher. A menina diante do pai percebe que é diferente dele, mas o que ela é ele não responde. Ela se assujeita como o menino à lei fálica, mas ao mesmo tempo se situa na lei, e em parte fora dela.

Não é de se admirar que as mulheres questionem sistematicamente o amor, nem que elas o demandem a seu interlocutor. É preciso amá-las e lhe dizer isto, menos por uma exigência narcísica do que por causa dessa defecção subjetiva pela qual elas são marcadas enquanto mulher... elas querem ser feitas sujeitos lá onde o significante as abandona, serem objeto de amor.

Embora Bela responda o desejo do outro com a beleza, isso não é suficiente para fazê-la mulher, e, assim ela espera do homem que a ame para além de sua imagem e com isso alcançar a feminilidade.

Segundo Freud, a descoberta da castração da mãe acarreta uma desvalorização do personagem materno. Ao tornar a mãe responsável por sua própria falta do pênis, junta a esse desprezo um ressentimento que se traduz por desejo com relação àquele que têm o pênis. É na medida que ela quer ter aquilo que falta a sua mãe que se torna mulher. Desejo este, interdito pela mãe até então.

“Eu vou dar um jeito, vou morar sozinha, eu já posso. Percebi que minha mãe quer a mim e meus irmãos assexuados, o que lhe incomoda é a questão sexual”.

Mora sozinha, espaço adquirido e montado sem aprovação da família que rompeu por meses. Hoje já tem uma “boa relação”, o namorado ainda não é aceito pela mãe.

As sessões são muito produtivas, cita que agora ela começa a entender sobre o seu desejo, suas escolhas, seu processo, seu inconsciente, o que ela se permite, se autoriza.

“Os medos diminuíram, passei a dirigir, comprei meu carro, trabalho e ando sozinha, as coisas estão em curso normal, só que a base agora sou eu, não meu pai, mãe ou quem quer que seja. Não me apavoro mais diante das situações inusitadas”.

## *CONCLUSÃO*

A famosa pergunta, o que quer uma mulher? Foi feita numa carta a Marie Bonaparte, e a qual nem mesmo Freud soube responder, apesar dos seus trinta anos de estudo da alma feminina. Atualmente os discursos tantos de homens como de mulheres sobre o que é, e, sobre o que quer uma mulher deixam pensar. O desejo de uma mulher permanece sempre uma questão. Mas cada um dos parceiros tira proveito disso. A falta de respostas a esta questão funciona como uma indução ao desejo. Nem a oferta nem a demanda se arriscam em acabar, fato que mantém as relações.

Diante da pergunta incessante de Bela para à mãe, “qual de suas filhas é a mais bonita? a resposta esperada talvez seria, eu te amo para além de sua beleza, eu te amo por ser minha filha.

Qual seria a demanda de Bela a psicoterapia? Se conhecer? Sim. Mas acredito que o trabalho psicoterapêutico vai revelar ao sujeito que a verdade jamais pode ser dita toda, pois o próprio inconsciente não diz tudo.

O importante é que esse sujeito possa ser um sujeito desejante, com demanda própria e não capturado na verdade, no desejo do outro.

Este processo todo vem também nos dizer que o silêncio do não saber trás consigo a verdade do inconsciente, a falta da palavra da mãe não designa o que ela é, mas permitiu Bela buscar a psicoterapia e construir sua própria história.

Como é um caso clínico em andamento, podemos supor, que o seu dilema como sujeito é a justificativa de suas intensas crises de angústia - pânico - vividas no processo psicoterapêutico bem como os resquícios que ainda apresenta.

Bela ao trazer sua questão, faz pensar “a mulher” atual, uma travessia

desde o nascimento. Desde o desejo materno até o tornar-se mulher. A construção da identidade feminina, como sujeito desejante. E mais, Bela lida no contexto atual, em que a mulher redefine seus papeis em relação à família, ao companheiro, à profissão e a sociedade. Tem sido elogiada pela sua forma adulta de ser mulher.

## **BIBLIOGRAFIA**

ANDRE, S. O que quer uma mulher? Rio de Janeiro, Jorge Zahar, ed., 1998.

BRUNETTO, A. O que quer uma mulher? Trabalho apresentado em conferência em Campo Grande – inédito.

ISSY, R. M. R Um desafio a cada mulher, In Guaicuru, Boletim de Psicanálise do Fórum do Campo Lacaniano de Campo Grande em 01/09/2000.

*Psicóloga, sócio-psicoterapeuta Romain-thiers, supervisora MS/PA, membro do Ágora*

Marilene Kovalski Rua José Antonio Pereira, 1663 - Centro - Campo Grande/MS Fone (67) 382-8149 E-mail: marilenekovalski@aol.com.br
---

## UMA MULHER DESLUMBRANTE

*Andréa Brunetto<sup>1</sup>*

Lola tinha 19 anos quando conheceu Michael. Era uma garota bonita, muito disputada no colégio, engraçada. Por vezes meio distante, ficava como que ausente. Quando nas férias escolares viu Michael jogando tênis, dedicou-lhe uma louca paixão, mudou completamente, seu distanciamento desapareceu, parecia toda presente na paixão pelo rapaz.

No grande baile do Cassino Municipal, no qual foi com seu já noivo Michael, estava presente Anne-Marie, uma mulher magra, com um vestido negro decotado e uma “graça abandonada de pássaro morto”. Quando a viu, os olhos de Michael se iluminaram. Foi a última dança que teve com Lola, pois disse-lhe que precisava tirar a outra para dançar. Michael e Anne-Marie não mais se separaram.

Lola permaneceu o tempo todo a olhar o casal dançar. O baile ficou vazio, Michael começou a ir embora com Anne-Marie e Lola os seguiu pelos jardins. Quando não mais os viu, caiu no chão, desmaiada. Foi levada para casa, permanecendo em seu quarto durante semanas. Durante esse período, Michael vendeu todos os seus bens e foi para Calcutá atrás de Anne-Marie. A história de Michael e de Lola, a mulher abandonada, ficou conhecida de toda a cidade. Lola, a mulher abandonada do baile, a que agora errava sem rumo pela cidade, calada, bonita, desesperada e infeliz.

Lola é Lol V. Stein, personagem do romance de Marguerite Duras que Lacan elogiou, pois nele a autora mostrou que sabe do que os psicanalistas ensinam.

A partir do romance de Duras, Lacan sustenta sua tese sobre a mulher que pretendemos expor para, posteriormente, relacionar com um caso clínico. Lol, a terceira neste triângulo amoroso, a que suporta o rapto do noivo, que vê os dois dançando, não é a que olha: é de Anne-Marie Stretter que vem o olhar, o olhar da Outra mulher. E, a partir do “ser a três no amor”, Lacan afirma que é na medida em que pertence ao Outro que o desejo sustêm o objeto que o causa.

## 1. A Outra mulher

Freud viu a importância da outra mulher para Dora. Na idolatria à Sra K. Dora encontrava a feminilidade misteriosa. Quando a Sra. K. é rebaixada de sua aura de mistério, porque seu marido diz a Dora que sua mulher não é nada para ele, Dora enxerga-se como puro objeto de troca entre dois homens. A esse interesse pela outra mulher, Freud designou como a bissexualidade da histórica.

Lacan vai mais além. Na A significação do falo (1958) sustenta que a relação entre os sexos está submetida à dialética de ter ou ser o falo. Assim, “é para ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro, que a mulher vai rejeitar uma parcela essencial da feminilidade, nomeadamente todos os seus atributos na mascarada. É pelo que ela não é que ela pretende ser desejada, ao mesmo tempo que amada” (Lacan, 1998: 701).

Diferente de atribuir o interesse que as mulheres têm nas outras mulheres a uma bissexualidade, Lacan coloca o feminino como o Outro sexo, o Outro absoluto, não apenas para os homens como para as próprias mulheres. É de conhecimento leigo que as mulheres se arrumam para as outras mulheres - porque na maioria das vezes os homens não percebem mesmo - estão sempre muito interessadas no que as outras usam, o que falam, com que vestidos vão às festas, etc.

Era ilusão freudiana que as analistas mulheres pudessem alcançar uma resposta mais elaborada sobre o que é ser mulher. Nem Marie Bonaparte nem nenhuma outra tinha a resposta para o enigma. Também Marguerite Duras não tinha a resposta sobre o enigma da feminilidade que tão bem mostrava em suas personagens. Lacan interessou-se em conhece-la, em conhecer a mulher que tão bem retratou o mistério da feminilidade.

Anne-Marie Stretter é a Sra. K. da obra de Marguerite Duras. Ela aparece como a mulher que detém os segredos de uma feminilidade obscura e inacessível. Em O vice-cônsul, outro romance de Duras, ela é uma mulher bonita, enigmática e triste que aprisiona seus amantes pela tristeza inaudita. É a embaixatriz vestida de tule negro, que tal como uma medusa, tem os “olhos talhados como o das estátuas”. Tal como no O deslumbramento de Lol. Stein dança e se dando a ver hipnotiza a todos. É ela a hipnotizadora, é dela que vem o olhar que aprisiona, tal como da Medusa. “Que será que dissimula esta sombra que acompanha a luz na qual sempre aparece Anne-Marie Stretter?” (Duras, 86). As mulheres falam dela, de sua magreza e infelicidade e os homens a vêem como uma mulher que os faz perder a cabeça. “Essas que têm o aspecto de dormir nas águas da bondade indiscriminada ... essas para as quais concorrem as ondas de todas as cores, essas mulheres acolhedoras” (Duras, 96).

## 2. Sou homossexual?

Lola, em sua posição histórica, oferece Michael a Anne-Marie, como posteriormente oferecerá Jacques Holt a Tatiana Karl, encontrando nas homenagens dirigidas a uma outra “seu próprio mistério que dá ao homem cujo papel ela assume, sem dele poder usufruir.

Toda a análise de Luiza, mulher histórica que tem uma dúvida atroz se é ou não uma homossexual, é uma tentativa de responder o que é ser mulher. Seu marido, um desenhista, no momento só desenha mulheres usando roupas vermelhas. Sua queixa é imediata: se ele gosta tanto de vermelho, por que para mim não dá nenhum vestido dessa cor? A partir daí tem uma dúvida se o marido não tem outra mulher. Em seguida tem um sonho: aparece uma mulher de estatura baixa, de costas e vestida de amarelo. As associações é que a mulher baixa é a mãe e o amarelo é a cor do desespero. Atribui o não saber o que é ser mulher ao desígnio materno: nascer mulher é um desespero, é melhor ser homem. Assim, no sonho identifica-se com a mulher desinteressante e desesperada vestida de amarelo, enquanto quem sabe ser mulher é sempre uma outra, uma dama de vermelho.

Na cena fantasmática de Luiza, ela brinca com outra menina, estão nuas e a irmã já adulta vê, fica assustada com o que vê e a xinga por estar fazendo aquilo com a menina. O que ela fazia com a menina, Luiza não lembra, mas seu papel é de uma sedutora, papel masculino de quem detém o falo. Para ela, a maior certeza de que é homossexual vem da seguinte evidência: só goza na relação sexual se primeiro imaginar que ela está fazendo sexo com uma mulher como um homem o faria, reeditando assim o gozo da cena fantasmática na qual aborda uma mulher como homem. Num segundo momento, imagina que o marido está transando com uma outra mulher que não é ela, oferecendo ao homem seu corpo como se fosse o corpo de outra.

Seguindo Freud, Luiza diagnostica a si mesma como uma homossexual, porém tomando as teorizações de Lacan a partir do seminário *Mais, ainda* no qual entende a feminilidade para além do falo e do objeto da fantasia masculina, demarca uma feminilidade não toda marcada pelo falo. Então poderíamos entender as fantasias de Luiza durante o ato sexual como decorrente dos desvios das identificações pelas quais passa para interrogar sua própria feminilidade. Primeiramente adota a posição de um homem, repetindo a cena fantasmática na qual detendo o falo aborda a mulher e assim questiona o desejo que um homem pode sentir por uma mulher. Em outras palavras, que valor esse homem lhe dá? Num segundo momento, confrontada com o enigma da Outra mulher - no momento uma dama vestida de vermelho - tenta responder o que seu homem ama nela além dela



própria, “quer dizer, como suplemento da feminilidade da qual ela mesma se sente em falta” (André, p. 151). Seguindo a afirmação de Lacan, na busca incessante do que é ser mulher ela engana seu desejo, já que é desejo do Outro.

Segundo Gallano o sujeito histérico almeja converter-se no Outro do Um, A Mulher do Um, pois sua pergunta é “qual é esse Outro sexo que falta no inconsciente para ser o Outro que falta ao Um?”. Essa é a questão que assombra Luiza e que ela tenta responder de várias formas. Em um sonho falta um pedaço de seus pés e a Xuxa lhe diz ‘você não sabe nada, eu sei tudo’. Esta é a fase em que a loira é que é mulher de verdade. Em outro momento segue um casal num shopping para entender porque uma jovem e bonita mulher está casada com um homem idoso e que teve um derrame. Assim, vai colocando suas ficções dos sujeitos que seriam A Mulher: a loira, a dama de vermelho, a abnegada. “A histérica como sujeito em sua relação com o saber do inconsciente, não pode situar o Outro sexo numa alteridade a ela mesma, e sim numa alteridade que supõe que algum sujeito feminino poderia chegar a encarnar” (Gallano, p.59).

Luiza nasce e é nomeada pela mãe com o nome de uma tia que tinha morrido anos atrás. Quando tinha cinco anos, seu irmão de 18 anos, pelo qual tinha adoração, um substituto paterno, é atropelado e morre. O mito familiar é que tinha vindo da casa da namorada, haviam brigado, estava distraído e atravessou a rua sem olhar. Assim, entende que o irmão morreu por amor. A questão de Luiza pode ser desdobrada em duas: que feminilidade essa mulher detêm que faz um jovem morrer por ela? E ainda ‘o que essa Outra da qual carrego o nome tinha que a fazia tão amada por minha mãe?’

É por isso que a morte aparece com tanta frequência nos significantes de Luiza, mesmo sendo ela uma histérica e não obsessiva. A mulher inesquecível e amada é uma morta.

Luiza, na busca incessante do que é ser mulher, engana seu desejo, já que é desejo do Outro. Assim, é como a Luiza de Tom Jobim “vem cá Luiza, me dá tua mão, e o teu desejo é sempre o meu desejo”.

Mas qual a relação que podemos fazer entre Luiza e Anne-Marie Stretter? Luiza, na busca da Outra Mulher, encontra-se com Anne-Marie, a mulher deslumbrante e infeliz, a desesperada, o negro pássaro morto, evidenciando que um dos nomes da Outra mulher é a morte.

#### BIBLIOGRAFIA

1. ANDRÉ, S. O que quer uma mulher? Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.
2. DURAS, M. O deslumbramento de Lol. Stein. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
3. \_\_\_\_\_ O Vice-Cônsul. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

4. FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria. RJ: Imago, 1976.
5. GALLANO, C. La alteridad feminina. Medellin: Asociación de Foro del Campo Lacaniano de Medellin, 2000.
6. LACAN, J. Shakespeare, Duras, Wedekind, Joyce. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.
7. \_\_\_\_\_ Os Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
8. \_\_\_\_\_ Mais, ainda. RJ: JZEditor, 1993.
9. RIBEIRO, M. A. C. Um certo tipo de mulher: mulheres obsessivas e seus rituais. Rio de Janeiro: Contracapa, 2001.

<sup>1</sup> *Psicanalista, Membro da Associação Fóruns do Campo Lacaniano, Diretora de Ágora Instituto Lacaniano, Mestra em Educação e Professora da UNIGRAN-Dourados/MS*

Andréa Brunetto  
Rua 13 de junho, 819 - Centro - Campo Grande - MS  
Fone (67) 382-5349  
E-mail: brunetto@zaz.com.br



## A AMBIVALÊNCIA FEMININA NO REINO DOS CLICHÊS FORNECIDOS PELA INDÚSTRIA CULTURAL

*Dulce Regina dos Santos Pedrossian\**

Evocar o feminino não é algo fácil, por mais que tenhamos clara a orientação que queremos trilhar. Este texto tem a intenção de explorar, de forma sucinta, uma dimensão presente na feminilidade, a ambivalência<sup>1</sup>.

Levantamos a suposição de que, nos dias que correm, os clichês<sup>2</sup> fornecidos pela indústria cultural apresentam disposição para revigorar a ambivalência própria do indivíduo e, neste estudo, particularmente da mulher, tendendo, entretanto, para a eliminação da experiência e da reflexão, de modo que a carência da contradição propicia a análise da realidade sob a ótica positivista.

Dentro desse raciocínio, recorremos inicialmente a Freud (1974, p. 260), que em seu texto “*Sexualidade Feminina*”, de 1931, afirmou que “*o complexo de Édipo é o núcleo das neuroses*”. Argumentou que, na relação mãe-filha,

*“(..) acha-se a suspeita de que essa fase de ligação com a mãe está especialmente relacionada à etiologia da histeria, o que não é de surpreender quando refletimos que tanto a fase quanto a neurose são caracteristicamente femininas, e, ademais, que nessa dependência da mãe encontramos o germe da paranóia posterior nas mulheres, pois esse germe parece ser o surpreendente, embora regular, temor de ser morta (devorada?) pela mãe. É plausível presumir que esse temor corresponde a uma hostilidade que se desenvolve na criança, em relação à mãe, em conseqüência das múltiplas restrições impostas por esta no decorrer do treinamento e do cuidado corporal, e que o mecanismo de projeção é favorecido pela idade precoce na organização psíquica da criança” (id., 261).*

Neste trecho, queremos tornar evidentes dois aspectos: 1) a ambivalência dominante na criança, na mais tenra idade, em relação à figura materna que lhe provê cuidados e educação<sup>3</sup>; 2) o fato de a filha ter o “*temor de ser morta (devorada?) pela mãe*”, evoca-nos Adorno, Horkheimer (1985) e Crochík (1999), que consideraram a importância do controle da projeção. O *mecanismo de projeção* permite a apreensão individual do mundo, mas o *controle da projeção*, a distinção entre o eu e o mundo. Assim, dada à correspondência mãe-filha, a mulher atual tem tido condições de discernir o seu *eu do mundo*? Pelo fato de a cultura desconsiderar os desejos individuais do indivíduo, a neurose além de ser produto do complexo de Édipo, não passa também a ser fruto da própria desvalorização individual? Como afirmou Crochik (1999, p.6): “*(..) a falsa projeção, nas duas formas —paranóia e positivismo -, rompe aquela ação conjunta. A paranóia porque não tem controle sobre a projeção, tornando o mundo presa de seus desejos; o positivismo porque anula a projeção, limitando-se a reproduzir o que existe*”.

Essa frase “*limitando-se a reproduzir o que existe*” manifesta a leitura da realidade mediante a razão instrumental, um conformismo com a realidade atual e, para Adorno (1995, p. 114), a relação entre as pessoas se empobrece na medida em que passam a não perceber o outro enquanto tal, mas em função de suas próprias vontades ou, podemos dizer, de suas idiossincrasias. Além disso, Crochík (1997, p. 127), ao argumentar que o poder paterno, ao se transferir para uma autoridade social mais abstrata, enfraquece não somente a função paterna, mas também o indivíduo, dirige-nos a atenção para o que afirmou Freud (1974, p.263), no mesmo texto citado, em relação à mulher: “*Ao final do desenvolvimento dela (..) seu pai — um homem — deveria ter-se tornado seu novo objeto amoroso. Em outras palavras, à mudança em seu próprio sexo deve corresponder uma mudança no sexo de seu objeto*”. Este mesmo autor acrescentou que a mulher tem reconhecimento da sua castração, entretanto, “*(..) encara a castração, em primeira instância, como um infortúnio peculiar a ela própria; só mais tarde compreende que ela se estende a certas outras crianças e, por fim, a certos adultos*” (id., p. 268), concluindo que “*(..) a intensa ligação da menina à mãe é fortemente ambivalente, sendo precisamente em consequência dessa ambivalência que (...) sua ligação se afasta à força da mãe mais uma vez*” (p. 270). Parece coexistir, portanto, uma poderosa tendência à agressividade, presente ao lado de um profundo amor.

Diante do exposto, valemo-nos das idéias de Crochík (1997, p. 130-131), interpretando Marcuse:

*“Com o enfraquecimento da família, o indivíduo passa a ser socializado diretamente pelo todo e tem maiores dificuldades em se constituir, pois os elementos para identificação são ge-*

*néricos e frágeis, tornando a criança necessitada de um constante reconhecimento do meio quanto à adequação de suas ações, ou seja, tanto o ego quanto a consciência moral estão se constituindo fragilmente”.*

Podemos presumir, então, que a fragilização do ego e da consciência moral, ao invés de mover a ambivalência feminina em direção à dúvida, à reflexão e à experiência, propicia a valorização do já existente, da organização da realidade tal qual o funcionamento dos meios de produção, de modo que a ambigüidade reina de forma categorizada e fragmentada na relação indivíduo-cultura e entre os indivíduos.

Como refletimos em outro estudo (Pedrossian, 2000), na *Odisseia*, de Homero, ao mesmo tempo em que Circe quer ser amada por Ulisses, não demonstra, realmente, o que sente, ocorrendo o mesmo com Penélope, que aguarda o seu retorno sem ter a certeza de sua volta, gerando sentimentos de ambivalência em relação a ele. Considerando a “disputa” entre as duas mulheres - Circe e Penélope - pelo mesmo homem — Ulisses -, para Adorno e Horkheimer (1985, p. 75) *“a esposa deixa transparecer o prazer com a ordem fixa da vida e da propriedade, enquanto a prostituta toma o que os direitos de posse da esposa deixam livre e, como sua secreta aliada, de novo o submete às relações de posse, vendendo o prazer”*. Essa “cumplicidade” entre elas remete-nos ao que Freud (1976, p. 143) disse na Conferência mencionada, *“A supressão da agressividade das mulheres, que lhes é instituída constitucionalmente e lhes é imposto socialmente, favorece o desenvolvimento de poderosos impulsos masoquistas”*. Paralelamente, *“(..) atribuímos à feminilidade maior quantidade de narcisismo, que também afeta a escolha objetal da mulher, de modo que, para ela, ser amada é uma necessidade mais forte que amar”* (id., 162), denotando, assim, que entram em jogo dimensões psicológicas e ideológicas individuais e as presentes nas relações dos indivíduos. Ademais, não podemos deixar de considerar que os indivíduos com características narcisistas de personalidade é que dão sustentação à ideologia da racionalidade tecnológica (cf Crochík, 1999).

Essa análise vai ao encontro do que disse Ribeiro (2000), ao interpretar Freud, no seu texto, *“Por que a guerra?”*, de 1933 (1932) - sempre se fez guerra em nome da ideologia. Na própria expressão de Freud (1976a, p. 248),

*“(..) a situação complica-se pelo fato de que, desde os seus primórdios, a comunidade abrange elementos de força desigual —homens e mulheres, pais e filhos (..) A justiça da comunidade então passa a exprimir graus desiguais de poder nela vigentes. As leis são feitas por e para os membros governantes*

*e deixa pouco espaço para os direitos daqueles que se encontram em estado de sujeição”.*

Certamente, a ideologia que impera no momento atual gera um sentimento de ambivalência em relação ao progresso e uma descrença em relação à forma como a sociedade vem se organizando. Nos dizeres de Crochik (1999, p. 2),

*“Com as transformações sociais, as relações entre a cultura e o indivíduo não permaneceram as mesmas. Se antes o indivíduo podia aderir à ideologia pela sua racionalidade, atualmente a adesão deve envolver mecanismos psicológicos que impeçam de perceber a sua irracionalidade, ou então que permitam a sua convivência com ela, uma vez que passa a defender idéias contrárias à autoconservação individual”.*

Essa tendência de passar “a defender idéias contrárias à autoconservação individual” pode ser melhor explicada por esse mesmo autor quando afirmou que “A necessidade de autoconservação perpetuada desenvolve mecanismos adaptativos que se associam à violência necessária à sobrevivência, em uma sociedade antagônica ao indivíduo” (id., 265). Nesse sentido, Crochik vai ao encontro do pensamento freudiano, pois, com certeza, a pulsão de autoconservação é movida pelo ódio, principalmente numa cultura que privilegia a violência necessária à sobrevivência e outros tipos de violência, inclusive em relação à mulher.

Dentro desse raciocínio, como se encontra a felicidade feminina individual e coletiva, nos dias que correm? Para respondermos a esta questão, recorremos a Cordeiro et al. (2000, p. 2), que afirmaram que os escritos sobre a feminilidade na obra de Freud emergiram no final de sua obra, “como enigma não desvendado”, interpretando que “(...) com o passar do tempo, as mulheres começaram a exercer outras funções na sociedade. Ao destacarem-se, historicamente, possibilitaram uma visão da feminilidade não somente associada à reprodução, mas, também, a satisfação que advém das ações produtivas”. Nos dias que correm, todavia, “(...) em um contexto competitivo, quase toda a educação se volta para o desenvolvimento das competências necessárias para o mundo do trabalho (...) cada vez menor a probabilidade de a dúvida surgir e, portanto, da reflexão emergir” (Crochik, 1997, p. 19-20).

Em decorrência disso, quanto tempo teremos que nos conformar com a ambivalência feminina no reino da binarização e da mesmidade da realidade, prescindindo da reflexão, da crítica e da experiência? Será uma utopia procurarmos desentranhar este tripé para entendermos melhor o feminino, em sentido contrário ao ideário positivista que impera nos dias atuais?

## NOTAS

1. Nos dizeres de Laplanche e Pontalis (1992, p. 18), “O termo ambivalência’ é muitas vezes utilizado em psicanálise com uma acepção muito ampla (..) a ambivalência do amor e do ódio se explicaria pela suas evoluções específicas: o ódio encontra a sua origem em pulsões de autoconservação (o seu protótipo está nas lutas do ego para se manter e se afirmar’) (..) o amor encontra a sua origem nas pulsões sexuais. A oposição das pulsões de vida e das pulsões de morte da segunda concepção de Freud iria enraizar de maneira ainda clara a ambivalência num dualismo pulsional (..) O conflito edípiano, nas suas raízes pulsionais, é concebido como conflito de ambivalência uma vez que uma das suas principais dimensões é a oposição entre um amor fundamentado e um ódio não menos justificado, ambos dirigidos à mesma pessoa”.
2. (...) a indústria cultural dá os clichês que permitem ao indivíduo não ter de enfrentar a ansiedade presente na reflexão e na experiência. Assim, aquilo que se discute não provém imediatamente dos indivíduos, mas da experiência já categorizada e previamente valorizada” (Crochík, 1997, p.20). Ademais,...) se a diferenciação individual só é possível através da introjeção da cultura, uma cultura que se apresente através da ideologia do ticket não favorece o desenvolvimento individual” (p. 115).
3. Freud (1976, p. 151), na Conferencia XXXIII intitulada “Feminilidade”, de 1933 (1932). complementou essa idéia deixando à mostra a fonte opulenta de sentimentos de ambivalência de uma criança pequena para com a sua mãe, afirmando que “(..) a avidez da criança pelo primeiro alimento é completamente insaciável, que a criança nunca supera o sofrimento de perder o seio materno (..). O temor de ser envenenada provavelmente também está relacionado ao desmame”. Acrescentou, na mesma página, que “A acusação seguinte contra a mãe da criança explode quando surge o bebê seguinte”.

## BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor W. *Mínima moralia: reflexões a partir da vida danificada*. Trad. Luiz Eduardo Bicca. 2. ed. São Paulo Ática, 1993.
- ADORNO, Theodor W e HORKHEIRM, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- CORDEIRO, et. al. In: [www.psykanalyse.refer.org/propos.html](http://www.psykanalyse.refer.org/propos.html), disponível em 03.09.2000, consultado em 09.10.2000.
- CROCHÍK, José Leon. *Preconceito: indivíduo e cultura*. 2. ed. São Paulo : Robe, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A ideologia da racionalidade tecnológica e a personalidade narcisista*. São Paulo : Instituto de Psicologia da USP, 1999. (Tese de Livre-Docência)
- FREUD, Sigmund. *Sexualidade Feminina* (1931). In: *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXI, Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- \_\_\_\_\_. Conferência XXXIII - Feminilidade (1933 [1932]). In: *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXII, Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- \_\_\_\_\_. Por que a guerra (1933 [1932]). In: *Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XXII, Rio de Janeiro : Imago, 1976b.
- LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário da psicanálise*. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PEDROSSIAN, Dulce Regina dos Santos. *Do mito ao esclarecimento: minimização do preconceito em relação à mulher*. Campo Grande — MS, agosto de 2000.
- RIBEIRO, Maria Anita Carneiro. *Seminário de Psicanálise: violência na infância*. Campo Grande — MS, 23 de setembro de 2000. (Anotações pessoais).

\*Psicóloga do Departamento de Ciências Humanas do Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Mestre em Educação





# UM SUJEITO HISTÉRICO ENTRE O DISCURSO E O SIGNIFICANTE D' A MULHER

*Rainer Melo*

## **O amor é um semblante**

“Ele me dá tudo. É o homem que toda mulher sonha, que satisfaz todos os meus desejos e eu continuo insatisfeita. Estou sempre procurando um outro que tenha um olhar sacana, maldoso. Um olhar que finge não me ver, mas que me olha, que parece ter tudo que eu quero, mas sei que não tem e que eu quero. Um olhar vazio, que desvia e perturba. É um olhar do outro homem que me fascina e causa prazer, é o que eu desejo.”

É desta forma que o sintoma se enuncia - a insatisfação - principalmente no amor. Uma mulher jovem que, apesar do marido lhe dar tudo, continua insatisfeita, mostrando, ao mesmo tempo, o sofrimento e o gozo que a insatisfação lhe proporciona.

Podemos ver aí a forma como se expressa a insatisfação do sujeito que está dividido pela linguagem. Por isso, parece possível dizer, no caso em questão, que se trata de um sujeito histérico, aquele que necessita criar para si o desejo insatisfeito.

A insatisfação é um fenômeno natural ao sujeito da linguagem e se exprime da melhor maneira no amor. O amor é um semblante muito importante porque se constitui como o verdadeiro laço social, e a histeria é esse laço social. A mitologia sobre *Eros* trata o amor por meio da ficção de que o humano perdeu um dia uma de suas metades e se vive a procurá-la no anseio de voltar ao todo, a forma esférica originária.

Trata-se de um modo de falar da falta. A noção do amor é a noção disso que viria completar. E acredito que é disso que o sujeito vem se queixar em sua análise. Que o homem que ela tem não a faz toda. Daí sua insatisfação e sua procura incessante de um olhar de um outro que venha extinguir sua insatisfação, o que é impossível.

Há o falo, o significante universal do gozo, que pode se escrever e não há o outro significante do Outro gozo, essa parte perdida a que o amor vem fazer semblante.

O amor vem aí, tal como o sintoma, para fazer suplência, para fazer metáfora, para substituir uma insatisfação. Não podemos substituir, efetivamente, o significante que falta, o significante do feminino. O amor faz semblante de que é possível a união, de que é possível achar a parte perdida do gozo. Mas o amor fracassa. As histórias de amor são sempre histórias de desencontro, e é isso que a histérica quer, com seu sintoma, denunciar.

### **O desejo é de desejo**

Se considerarmos a questão a partir da dialética da demanda e do desejo, podemos ver este paradoxo evidenciado no fato de que a demanda está destinada ao fracasso, sendo isso mesmo que dá origem ao desejo, o que podemos verificar através das formações do inconsciente, sobretudo através do sintoma histérico. O paradoxo entre a demanda e o desejo mostra o problema desta separação operada na sua divisão.

No curso de uma análise o sujeito sempre demanda algo, uma resposta a seu desejo, que é o desejo do Outro, que na verdade é desejo de desejo, portanto desejo de nada. O produto do desejo do sujeito pelo desejo do Outro só pode ser a falta. Na análise o trabalho vai do nível da demanda até o ponto no qual emerge a relação do sujeito ao desejo do Outro. O analista deverá fazer com que a demanda se transforme em desejo. Toda demanda busca a satisfação absoluta e ela é sempre incestuosa. O que o sujeito demanda é algo que ele não consegue traduzir em palavras porque as palavras não podem dizer. Então, fica-se na dimensão do equívoco causado pelo próprio significante que sempre significa outra coisa, o que acaba na frustração da demanda.

O problema estaria resolvido se este sujeito pudesse fazer a escolha do objeto de seu desejo. Uma mulher cujo marido lhe oferece tudo e ela recusa, procurando o olhar do outro, fica desta forma dividida entre sua demanda e seu desejo, e assim mantém o seu desejo insatisfeito.

Podemos ver esta manobra através do sonho da “bela açougueira” ilustrado por Freud. Ela quer oferecer um jantar, mas só tem um pouco de salmão defumado. Lembra que é domingo e as lojas estão fechadas e os telefones estão com defeitos. Acaba renunciando a dar este jantar. Este sonho

mostra que a demanda deve fracassar. O desejo é desmentir a hipótese de que o sonho é uma realização de um desejo. Este desejo consiste em fazer frustrar a demanda do Outro. O salmão a remete, pela associação livre, ao caviar que deseja muito e que impede seu marido de lhe dar.

A insatisfação toma um estatuto de um modo de gozo, a satisfação a menos é o mais gozar da histérica, ilustrado neste sonho da “bela açougueira.” Ao recusar comer o caviar que o marido poderia lhe dar, ela quer permitir que a amiga se satisfaça em seu lugar. Recusando ela poderá manter o seu desejo insatisfeito. Assim como a “bela açougueira”, nossa histérica recusa a oferta do marido como se soubesse que não é esse o objeto que poderia satisfazê-la.

### **A identificação é à estrutura**

Podemos então considerar a insatisfação da histérica em termos de identificação ao desejo do Outro. A histérica apresenta o desejo como não realizado, porque não quer responder à demanda do Outro. No sonho da “bela Açougueira”, trata-se da identificação da histérica ao desejo do Outro, o sonho apresenta o seu desejo não realizado, porque ela não quer responder à demanda de Freud, não quer confirmar o seu desejo de saber, não quer confirmar sua hipótese. Estas formações do inconsciente (“o sonho da “bela açougueira”, o sintoma de nossa histérica, aos quais se poderia acrescentar o lapso de Dora - “meu pai é um homem (im) potente”) são modos de satisfação da pulsão, modos de gozar do inconsciente que vêm confirmar a hipótese de que o laço social da histeria se funda em uma identificação à estrutura, se sustenta em tomar a falta como objeto de satisfação do desejo o que implica em manter necessariamente o desejo insatisfeito.

Isto faz com que a histeria seja a única estrutura que se possa elevar à dimensão de um discurso, justamente porque este tipo se identifica com a falta de um significante, com um significante que não existe, o significante d’A Mulher. O sujeito histórico é por isso levado a fazer uma divisão, no imaginário, ficando ao mesmo tempo num e noutro lugar dos parceiros da relação sexual que não existe. Na verdade a histérica, com sua divisão, consegue situar-se entre os dois gozos, de preferência a entre os dois sexos.

O âmago da cura psicanalítica na histeria consistiria, portanto, em levar o sujeito através de suas demandas a se confrontar com essa manobra que consiste em tomar como objeto de satisfação a própria falta.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEIRÓ, Nilda, "O silogismo do amor", 1996, inédito.

FREUD, Sigmund "A Interpretação dos Sonhos"(1900), *Obras Completas*, vol. IV, Imago, Rio de Janeiro, 1980.

\_\_\_\_\_. Fragmento da análise de um caso de histeria (1905-1901) *Op. cit.*, vol. VII, 1980.

GERBASE, J., Rumo ao âmago da cura psicanalítica, Comentário do Seminário 24, Salvador, 1997.

\_\_\_\_\_. Rumo ao âmago da cura psicanalítica, Comentário do Seminário 26, 1997.

\_\_\_\_\_. Lacan, Jacques – O Seminário, livro 3: As Psicoses (1955/56), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

\_\_\_\_\_. O Seminário, livro 17: O Averso da Psicanálise (1969/70), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1992.

\_\_\_\_\_. O Seminário, livro 20: mais, ainda(1972/73), Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1993.

\_\_\_\_\_. Introdução à edição alemã dos Escritos Falo.2, Salvador, BA.

Rainer Melo  
Av. Rio Branco, 2555 - Sala 1103 - Juiz de Jora/MG  
Fone (32) 2217-1138  
E-Mail: rainerjf@artnet.com.br

## CONTA-SE A VERDADE A UMA CRIANÇA?

*Mariangela Bazbuz Lima*

Partindo da leitura de Françoise Dolto sobre o tema da verdade, gostaríamos de discutir um pouco a importância do que é falado ou silenciado na história de uma criança, as implicações disso na produção de um sintoma, e ainda, a posição do analista diante da questão.

Segundo Dolto, é imprescindível para uma criança saber a verdade sobre sua história. Neste sentido, ressalta a importância de se esclarecer para a criança questões sobre sua origem, como o fato de ser filho legítimo ou adotado, questões relativas à sexualidade, à morte, seja de um ente querido ou mesmo em casos da própria criança estar correndo riscos de vida. Para que a criança se constitua enquanto sujeito é necessário que seja respeitada, sendo suas perguntas respondidas de maneira clara e objetiva. É preciso dizer-lhe a verdade.

*“... espero fazer compreender assim o papel do “falar a verdade”, essa verdade que os adultos comunicam às crianças, que não somente a desejam de forma inconsciente, como também necessitam e têm direito a conhecer, mesmo se seu desejo consciente, quando elas se expressam em palavras, a pedido dos adultos, prefira o silêncio enganador, que gera angústia, à verdade”.*

Dolto evidencia no seu trabalho, muitas vezes direcionado aos pais, que precisam oferecer à criança um encontro psíquico válido, ou seja, um encontro com um outro que respeite o seu ser e que mostre um desejo diferente, e que a faça ver isso. Diz ainda, que isso é o mais importante na linguagem que se usa com as crianças, ser verdadeiro com relação ao que sente, qualquer que seja a verdade.

*“...A verdade pode ser dolorosa, porém, se é dita, permite ao sujeito, reconstituir-se e humanizar-se...”*

Esta afirmação faz com que Ariel Pernicone questione sobre a posição do analista em relação ao tema da verdade, tão frequente nas consultas com crianças. Ele se refere às diversas formas de conexão com a verdade que se

apresentam na clínica. Algumas vezes são questões que os pais acham difícil de explicar ao filho e trazem ao analista. Digo a verdade ao meu filho? Como eu posso dizer? O tema da verdade surge também, quando uma criança curiosa e incisiva, insiste em fazer perguntas indiscretas a seus pais, perguntas estas, que os deixam em posição desconfortável, gerando angústia, muitas vezes por tocar em fatos que não estão preparados para mexer. Aparece ainda, de forma mais indireta, quando os pais procuram o analista porque a criança apresenta algum sintoma, e este revela durante o tratamento, uma conexão com algo silenciado na história familiar.

Discutindo estes fatos, tão comuns na clínica, Ariel Pernicone determina dois aspectos fundamentais: o valor que tem para a constituição do sujeito, um relato por parte dos pais sobre a história de suas origens e a posição ética do analista diante do tema.

*“A verdade sobre sua história pertence a uma criança tanto quanto os dedos de sua mão”.*

Ao levantar no nosso trabalho, a dificuldade de uma criança se desenvolver e se constituir como sujeito desejante, a partir de algo não dito a respeito do mito de suas origens, surgem novas questões que merecem destaque: Qual seria essa verdade que precisa ser dita? Como contar sempre a verdade? O não-dito sempre fará sintoma? É possível dizer toda a verdade? Como trabalhar isso numa análise?

Embora possamos estar de acordo que as crianças mereçam respeito como sujeitos que são, e da importância de buscar ser o mais verdadeiro possível, surge um paradoxo dessa afirmação. Poderíamos expressar assim: ser verdadeiro é necessário, porém impossível.

A verdade não contada pode obstaculizar a transmissão dos significantes com conseqüências na subjetivação. Nos referimos aqui, aos efeitos do discurso, particularmente o não-dito, na produção sintomática do sujeito. O não-dito seria aqui, esse pacto de silêncio; faz parte do que é silenciado na história de um sujeito, esse discurso que não é palavra. Segundo Miriam Rosa, *“a presença desta incógnita, em vez de estimular a investigação, pode promover sintomas”.*

Certamente, há um ponto de conexão entre o sintoma e o não-dito. A criança tem direito como sujeito a saber sobre sua história, e as lacunas que surgem poderão tornar-se um empecilho no seu caminho. Quando não se conta a uma criança sobre a morte de um ente querido, por acreditar que seria muito difícil para a mesma entender, ainda assim a criança percebe todo um movimento

em relação a isso. Por exemplo, uma viagem, a saída para um velório, o sofrimento das pessoas, tudo isso será vivenciado pela criança. Ela sente que existe algo, que ainda não consegue decifrar, mas interpretará a sua maneira, dando um sentido.

No entanto, dizer que o não-dito pode gerar um sintoma, não significa que sempre seja assim. Quando o não-dito estiver articulado a um significante essencial para aquele sujeito, isso produzirá sintoma. Como seria isso?

Lacan já dizia no Seminário 7, que *“a coisa só se apresenta a nós, na medida em que acerta na palavra, como se diz acertar na mosca”*.

Na Conferência de Genebra ele diz que os sintomas têm um sentido que só se interpretam corretamente em função de suas primeiras experiências, ou seja, na medida que encontra a realidade sexual. Sendo assim, mostra que uma etapa muito precoce da infância será decisiva para a cristalização dos sintomas, ressaltando que os pais modelam o sujeito na função de simbolizar, a partir do modo como desejam o filho e conseqüentemente o modo como o instilam a falar. É entre *“o significante enigmático do trauma sexual e o termo que ele vem substituir numa cadeia significativa atual que passa a centelha que fixa num sintoma, a significação, inacessível ao sujeito consciente onde ele pode se resolver”*.

É neste sentido que podemos dizer que o sintoma analítico é da ordem do significante. Quinet quando fala do sintoma-letra, vai dizer que *“o sintoma é o que não cessa de se escrever”*, pois articula o inconsciente e o gozo, e sendo aquilo que não cessa de se escrever, vai suprir o que não cessa de não se escrever, que é a relação sexual.

Mais importante que a experiência vivida é então, como se anunciou aquilo que o sujeito viveu, sem entender. As primeiras experiências infantis e os traços mal-entendidos da língua materna é que vão se fixar e dar a posteriori ao significante todo o seu peso.

Em *Duas Notas Sobre a Criança* Lacan coloca que o sintoma da criança vai responder ao que há de sintomático na estrutura familiar, tomando dois rumos. Ou o sintoma responde à verdade do par familiar, onde é mais fácil de haver uma intervenção, ou sintoma diz respeito à subjetividade da mãe, onde as possibilidades se reduzem muito.

Ainda assim, a forma como cada um vai se virar com a questão, e os caminhos que vai seguir na escolha do seu sintoma, são individuais e vão



dizer do particular de seu inconsciente. É preciso lembrar, citando Lacan, que *“por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis.”*

Quando falamos no dizer a verdade à criança, nos parece que o mais importante é a posição que cada um ocupa em relação ao discurso, seja o pai, a mãe ou quem está com a incumbência de cuidar da criança, ou de comunicarlhe algum fato. Mais importante do que se preocupar em dizer “a verdade”, seria deixar espaço para que a criança possa perguntar, isto é, permitir que o sujeito possa formular sua questão sobre a verdade. A falha no Outro é que determina a falha de saber e também afeta a verdade e que, por isso é “não-toda”. É a falha do saber o que possibilita interrogar a verdade. Se os pais acreditarem saber tudo, talvez fique difícil para a criança interrogar.

Neste sentido, podemos dizer aqui, que “a verdade” não existe. Nunca é possível dizer a verdade toda, embora, paradoxalmente, cada um busque sempre encontrar a sua verdade.

Aqui o não-dito toma outra dimensão. O não-dito é constituinte do discurso e por mais que se busque dizer a verdade, sempre haverá algo que escapa, havendo uma impossibilidade de se fazer uma enunciação completa. O mal-entendido é condição do equívoco, e o dito do sujeito jamais alcançará o dizer, pois o sujeito que fala não é senhor do que diz. Na medida em que fala e que pensa que utiliza a língua, na realidade é a língua que se utiliza dele. Sempre que falamos, dizemos além do que queremos e ao mesmo tempo outra coisa e é por isso ao falar, muitas vezes temos a impressão de que não era bem isso que queríamos dizer.

Como diz Lacan“...*nenhuma linguagem pode dizer o verdadeiro sobre o verdadeiro, uma vez que a verdade se funda pelo fato de que fala, e não dispõe de outro meio para fazê-lo.*”

Quando se esquece disso, em nome de um amor pela verdade, engana-se , pois saber tudo é estático e paralisante, e qualquer informação só será apreendida se fizer ponte com a verdade inconsciente.

Qual seria então, a posição do analista diante de todas as questões levantadas até aqui?

Não há outra possibilidade numa análise, que interrogar a verdade através das falhas do saber, e é isto que demonstra qualquer formação do inconsciente, seja por meio do sintoma, do “ato-falho”, dos sonhos. A psicanálise com o seu discurso interroga a relação do saber e a verdade.

Como diz Quinet, o sintoma fala a verdade do sujeito, ele percebe

que há algo que faz barreira e que ele não consegue ultrapassar, algo faz com que as coisas não funcionem. Se ele interpreta isso como algo de uma verdade desconhecida que o questiona e que gostaria de saber, procura um analista. Isso acontece com um adulto ou com a criança. Mesmo que a queixa dos pais quando procuram um analista não represente mais tarde, o sintoma apresentado pela criança, percebemos que há esse algo que emperra. “*O sintoma manifesta uma verdade que está na cara, apesar de velada, mas ao ser desvelada jamais é inteiramente apreendida*”, como já argumentamos anteriormente.

Daí surge outro paradoxo: o analista deve interrogar sobre verdade mas sabendo que ela jamais será inteiramente apreendida. O que resta então, ao analista?

Quinet, aponta uma bela saída para a questão, dizendo que durante a análise se passa do semi-dizer do sintoma, ao bem-dizer o sintoma. Se o analisante se interroga sobre uma verdade que só pode ser semi-dita, “*a interpretação analítica, como arma contra o sintoma, deve ter essa mesma estrutura, só podendo portanto, ser semi-dita*”.

Dentro desta ética, como trabalhar numa psicanálise com criança?

Miriam Rosa responde muito bem, dizendo que o analista “*precisa trabalhar nas brechas, nas fendas da fala e expressão, abrir-se para a escuta do discurso, seja através da criança, dos pais, do brinquedo; abrir-se para a escuta que os pais têm do filho e que o filho tem dos pais, e de ambos, para o próprio discurso...*”

Para concluir, podemos dizer que é preciso que haja espaço para que a criança possa formular sua própria questão, sendo vista neste caso, não só como porta voz de um regime familiar, do qual certamente é sujeitada, mas também como um sujeito com desejo próprio.

## BIBLIOGRAFIA

- ABREU, T., “O Sintoma da Criança em suas Vertentes de Metáfora e Gozo”, Carrossel, 1, 1997.
- DOLTO, F., Tudo é linguagem, São Paulo, Martins Fontes, 1ª ed., 1999.
- LACAN, J., “A ciência e a verdade”, *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- \_\_\_\_\_, “Duas Notas sobre a Criança”, *Opção Lacaniana*, 21, São Paulo, 1988.
- \_\_\_\_\_, “Conferência em Genebra sobre o Sintoma”, *Opção Lacaniana*, 23, São Paulo, 1998.
- \_\_\_\_\_, *O Seminário 7, A Ética da Psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1997.
- \_\_\_\_\_, “A Instância da letra no Inconsciente ou a Razão desde Freud”, *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998.
- PERNICONE, A., “El tema de la verdad en la consulta por niños. Lugar del analista”, *Psicoanálisis com niños*.
- QUINET, A., *A descoberta do inconsciente*, Zahar, RJ, 2000.

ROSA, M. D., “Histórias que não se contam – O não-dito e a Psicanálise com crianças e Adolescentes”.

*Psicóloga Clínica, Membro do Ágora Instituto Lacaniano*

Mariangela Bazbuz Lima  
Rua Rui Barbosa, 4050 - Campo Grande/MS  
Fone (67) 724-2972 - 9994-3636  
E-mail: mbazbuz@terra.com.br

## FALAR DE MORTE COM AS CRIANÇAS

*Raymundo de Lima*

Pais equivocados acreditam que não devem tocar no problema da morte com a criança. Denegam esse inevitável acontecimento. Esforçam em proporcionar aos filhos pequenos somente imagens e assuntos agradáveis e otimistas. Creio que essa visão unilateral e omissa da realidade tende à apenas falsear que na vida não existe apenas o lado agradável.

A morte de gente famosa como o Airton Sena, a Princesa Diana, o Leandro, expostas pela mídia são fatos que provocam qualquer um, inclusive na criança, a curiosidade e a vivência do sentimento de angústia diante do acontecido. Mesmo que não se trate da “morte próxima”, toca fundo em qualquer pessoa a possibilidade real ou fictícia da morte de cada um de nós, aliás, fato este sempre imprevisível, impensável e insubstituível. É curioso notar que, a morte mesmo sendo impensável, já que ainda não vivemos nossa própria morte, sempre nos impõe medo, angústia ou susto.

A cultura midiática contemporânea nos faz sofrer mais com a morte de um ídolo, artista, que de um próximo, tal como um ente querido, vizinho ou colega de trabalho.

As crianças, seres que vivem normalmente mais na fantasia que na realidade dos fatos, tendem a pensar que alguém que morre poderia estar dormindo ou viajando. Essa cultura que tornou-nos prisioneiros da realidade virtual (desenhos animados, novelas, filmes na tv), em que os personagens não morrem, sempre estão se revivendo, quase nos proíbe conversar e nos preparar sobre a maior certeza da vida: a morte. Talvez decorrente dessa ideologia, que muitos pais impedem a criança ir ao velório de um ente querido. Em nossa cultura, não faz muito tempo, o costume de se despedir do morto ou ir ao velório, faziam parte de um necessário ritual de passagem dos vivos. O velório ocorria na sala de estar das casas de família. Hoje, a tendência é fazê-lo num espaço “especializado”, “neutro” e “higiénico”. Manias da nossa época pós moderna, urbanizada, globalizada, onde até o velório é racionalizado e mercantilizado. Nessa estrutura racionalizada, as crianças quando não são impedidas são desencorajadas à irem ao velório.

Sem querer-querendo, nós católicos e latinos, estamos copiando costumes do 1º mundo anglo-saxônico que impedem a criança de ver o morto, onde se reprime a manifestação dos sentimentos de perda irreversível de alguém que lhe faz falta, deixando-a assim impedida de elaborar psicologicamente a idéia de finitude e do valor da vida.

Em particular, a sociedade norte-americana parece ser a que mais faz recusa paradigmática da dor. Assim, uma sociedade onde não exista o estímulo a pensar no sofrimento necessariamente produzirá indivíduos “frouxos”, refletiu o filósofo Peter Sloterdijk. Aqueles psicólogos formados sob a ideologia dos anos 70, infelizmente ainda desestimulam que a criança vá ao velório, argumentando que essa visita iria traumatizá-la. Caberia contrargumentar: será que todas as gerações anteriores que passaram por essa experiência, ficaram traumatizadas? Haveria muita diferença em ir a um velório e assistir diariamente cenas violentíssimas de banalização da vida na televisão?

Faz um ano que os meus filhos pequenos, após uma emocionada conversa e choros sobre a recente morte da avó, conversamos sobre eles irem ou não ao velório. Antes, preparei-os descrevendo o ambiente de pesar em que estava o corpo da vovó: caixão, flores, gente chorando, etc. Preferiram ir. E lá, fizeram suas despedidas, não se traumatizaram, nem caíram em depressão. Hoje, demonstram estarem mais conscientes e realistas de que a avó não mais está entre nós. A partir desta singular experiência, demonstram que estão cotidianamente elaborando a idéia de morte e suas metáforas, já que novas perdas e separações serão inevitáveis.

Pode ser a morte da avó, do passarinho ou do peixinho de estimação, mas o melhor mesmo é contar a verdade às crianças. Entretanto, cuidemos do jeito de dizer-lo. Creio que o melhor modo é o suave, evitando o choque. Devemos ser francos ao expressar o nosso sofrimento de perda e separação. Diante de perda irreversível, é melhor contar que esconder o que é inevitável um dia se saber. Recomenda-se não forçar as crianças a irem ao enterro ou ao cemitério no dia dos mortos, mas também não se deve fugir de conversar ou explicar a causa da morte. É bom senso, não esconder, nem exagerar a dor sentida que criaria assim um ambiente de total desespero, este as vezes inevitável quando diante de morte súbita, prematura, ou por acidente de alguém muito próximo. O costume antigo de dizer para a criança que fulano está dormindo, ou foi pro céu, poderia alimentar a expectativa que a pessoa acorde ou dela sentir medo ou raiva daquele que foi embora para o céu. Um exemplo: colocá-la desde cedo em contato com histórias de fadas que tratam do problema da morte, prepararia melhor a personalidade da criança a enfrentar a realidade inevitável, acreditava o psicanalista B. Bettelheim.

Não se faz luto esquecendo, já que ninguém esquece, recalca. Não se realiza o luto do acontecido senão partindo o pão da palavra, que diz a dor da perda, observou outro psicanalista, Philippe Julien. Crescemos como pessoas autênticas, psiquicamente mais adequadas, quando não negamos essas trágicas realidades e nos permitimos experiências de lutos e partimos em busca de alguma substituição para continuarmos bem existindo.

É possível que crianças tenham medo da morte dos pais e de si mesmas. Profissionais psis os orientam que é bom dizer a elas que isso vai demorar acontecer e que farão tudo ao seu alcance para preservar a saúde dos filhos e deles [pais]. Há casos que as crianças podem se sentir culpadas, deprimidas até perdendo o apetite, ou desenvolvendo atos regressivos. Deve-se dar muito apoio, contatos físicos e afetivos, bem como estimulá-la a expressar o seu mundo interior com palavras e mesmo o choro. É preciso transformar o choro em palavras de sentimento e pesar.

Se os sintomas durarem muito tempo e a tristeza não diminuir, recomenda-se procurar ajuda de um psicanalista ou psicoterapeuta. É preciso evitar a formação de quadro depressivo.

Não podemos negar que, por vezes, crianças desejam a morte de qualquer um que lhe frustre ou atrapalhe. Deve-se procurar entender seus sonhos e suas brincadeiras. É possível surgir um quadro depressivo quando esse desejo [de morte] se realiza. Esse pensamento mágico quando realizado poderá acumular muita culpa na criança. É preciso cuidar para que isso não se desenvolva em doenças no psiquismo infantil e mesmo no adulto.

A filosofia e a psicanálise ensinam que não se deve viver para a morte, mas se deve ter uma atitude madura e corajosa de incluir a morte como finalidade da vida. Sugere a sabedoria antiga que devemos ter coragem de falar, de ser, de bem viver e também, de bem morrer. Assim, acredita-se que podemos viver melhor essa existência com sentido mais autêntico.

Nos dias de hoje em que se banalizou a violência e se esvaziou o sentido de existência, temos o dever de incluir a morte em nossas conversas, já que ela está aí nos assustando através da mídia.

O ser humano sonha, fantasia, projeta coisas, e também deve encarar o fato previsível da morte, sem medo, como tempos atrás cantou Gal Costa: “é preciso estar atento e forte; não temos tempo de temer a morte!

*Psicanalista, professor do DFE-UEM; membro da BF (Biblioteca Freudiana) Centro de Psicanálise, de Curitiba e do Ato, em Maringá.*



## A FOBIA DO PEQUENO HANS

(Uma resenha a partir da leitura do seminário IV de Lacan: a relação de objeto).

*Rosângela Corgosinho*

Se a fobia é o elemento representativo, porque ela é uma representação tão singular e qual o papel que ela desempenha? É o que tentaremos fazer: localizar o conceito de fobia. A armadilha mais comum é dizer que a fobia serve para alguma coisa. Será que não existem coisas que não servem para nada? Ou sempre precisamos ter idéias preconcebidas de finalidade? Mas, sem dúvida, precisamos saber qual é a função de uma fobia. A partir da estrutura da fobia do pequeno Hans podemos tentar compreender melhor a estrutura geral das fobias.

A primeira observação é a diferença entre angústia e fobia. Mesmo que se diga que a fobia é representativa, inicialmente é difícil saber do que a criança tem medo. Hans o articula de mil maneiras, mas sempre permanece um resíduo: o cavalo é marrom, verde, branco ou preto, cores que não deixam de ter um certo interesse, mas permanece inexplicável a existência de uma mancha marrom, bem na frente da boca do cavalo, perto dos arreios de freio, e que faz dele um animal do estilo pré – histórico. Assim, não é tão fácil compreender uma fobia desde que ela comporta elementos quase irredutíveis, bem pouco representativos.

Uma coisa é certa: a diferença entre o sentimento de medo e o sentimento de angústia, o que aparece sempre que a criança se sente no risco de ser colocada fora de jogo. É claro que a chegada da irmã de Hans prepara, ao máximo, este estado de coisas, mas é num nível bem mais profundo que a crise de dá: no nível em que a criança se concebe como não podendo mais preencher, de modo algum, a sua função de metonímia do desejo da mãe. Ele se concebe, então, como um nada. O que acontece quando a fobia aparece em sua existência? Diante dos cavalos de angústia, o que ele experimenta não é a angústia, mas medo. A criança tem medo de que lhe aconteça alguma coisa de real, tem medo de duas coisas: que os cavalos mordam e que os cavalos caiam. A fobia não é a angústia de jeito nenhum. A angústia, segundo Freud, é alguma coisa sem objeto e Lacan o reafirma, sendo que, no seminário da angústia, ele vai dizer que a angústia não é sem objeto, só que neste último caso, trata – se do objeto a. Enfim, os cavalos surgem da angústia, mas o que eles carregam é o medo. O medo sempre diz



respeito a alguma coisa de articulável, de nomeável, de real: esses cavalos podem morder, podem cair e ainda possuem muitas outras propriedades. E pode mesmo acontecer que eles guardem em si o traço de angústia. A mancha negra não é sem relação com ela, como se os cavalos recobrissem alguma coisa que está mais em baixo, a saber, este negro que começa a flutuar. Mas, na vivência, o que há em Hans é o medo. Não o medo do cavalo, mas o medo dos cavalos, de modo que, a partir desse momento, o seu mundo lhe pareça pontuado de toda uma série de pontos perigosos, de pontos de alarme que o reestruturam. Este é o sentido da fobia: ela introduz no mundo da criança uma estrutura, ela coloca em primeiro plano a função de um interior e de um exterior. Até então, a criança estava no interior da mãe e eis que ela é expulsa daí. Ela cai na angústia e, com a ajuda da fobia, ela instaura uma nova ordem do interior e do exterior, uma série de umbrais que se põem a estruturar o seu mundo. A fobia é construída diante do ponto de angústia. Como um posto avançado, um edifício que vem na frente dela.

No conflito neurótico, o medo intervém como um elemento que defende na frente e contra alguma coisa de totalmente diferente e que é a angústia. Eis aí o que a fobia nos permite articular. Esta distinção entre angústia e fobia é uma verdadeira topografia.

O objeto imaginário da castração é o falo. A mãe simbólica se torna real quando ela se manifesta em sua recusa de amor. O objeto da satisfação, como o seio por exemplo, se torna o simbólico da frustração, recusa de objeto de amor. O buraco real da privação é uma coisa que não existe. O real é por natureza pleno, sendo necessário introduzir um objeto simbólico para fazer um buraco real. No intuito de se fazer o objeto de amor para a mãe, que é para ela o que existe de mais importante, a criança é levada a perceber que ela deve se colocar na posição do terceiro, fundar - se entre o desejo da mãe e o objeto imaginário que é o falo. Essa representação está estritamente articulada nos Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, no capítulo intitulado: As teorias sexuais infantis. Freud afirma da maneira mais clara que a perversão é estruturada em relação a tudo o que se ordena em torno da ausência ou da presença do falo. A perversão tem sempre alguma relação, nem que seja no horizonte, com o complexo de castração. É desse ponto de vista que se pode dizer que ela está no mesmo nível que a neurose (ainda que pelo avesso).

A atividade da pesquisa sexual infantil diz respeito ao conjunto do corpo. Ela motiva o que se pode chamar de temas afetivos. Ela é correlativa de toda uma série de realizações que se manifestam por ações totalmente irreduzíveis com fins utilitários. São as atividades cerimoniais. Em resumo, para centrar o valor exato do que se chama comumente teorias sexuais infantis e de toda a ordem das atividades que se estruturam em torno desta, devemos com Lacan referir - nos à noção de mito.

Se a observação de Hans é um labirinto e, até mesmo, uma confusão é em razão do lugar que aí ocupam uma série de elucubrações do pequeno Hans que dão a impressão de proliferação de idéias. Isso entra na classe das elaborações teóricas que desempenham um grande papel. O que se chama mito, seja ele religioso ou folclórico, se apresenta como uma narração. Podemos considerá-la em muitos de seus aspectos estruturais. Podemos dizer, por exemplo, que há alguma coisa de atemporal. Podemos tentar definir sua estrutura quanto às localizações que ela define. Podemos tomá-la pela vertente da criação literária, mesmo sabendo que o mito é muito distinto desta por seus aspectos constantes que escapam à questão da invenção subjetiva. O mito, em geral, tem o caráter de ficção e esta mantém uma relação singular com a verdade que está atrás dela. A verdade tem uma estrutura, se podemos dizer assim, de ficção. Tal como se apresenta, o mito visa, mais ou menos, a origem específica do homem, a gênese de suas relações alimentares fundamentais, a invenção dos grandes recursos humanos, o fogo, a agricultura, a domesticação dos animais. Geralmente, também encontramos aí as questões das relações dos homens com as forças secretas, maléficas ou benéficas, mas essencialmente caracterizadas pelo que elas têm de sagrado. Esse poder sagrado tem a ver com a potência do homem em introduzir o instrumento significante na cadeia das coisas naturais. A relação de contigüidade dos mitos com a criação mítica infantil se mostra por essas aproximações.

Qual é a autenticidade dos temas imaginativos do pequeno Hans? O próprio Freud diz que eles lhe foram sugeridos muitas vezes. Não apenas esta sugestão existe, como a vemos se estabelecer a céu aberto. A interrogação do pai, às vezes, se apresenta como uma verdadeira inquisição, que possui, em alguns momentos, o caráter de uma direção dada às respostas da criança. O pai, muitas vezes, se aproxima de forma grosseira e desajeitada. Há muito de mal entendido na maneira como ele registra as respostas da criança e tenta entendê-las depressa. As construções de Hans estão longe de ser independentes das intervenções paternas. A partir de um certo momento, a própria fobia toma um caráter de hiper produtividade que responde a isso. Na produção de Hans tem-se a clara impressão de uma construção de jogo, da qual fica difícil sair, como é o caso da história da cegonha. Ele mesmo diz para que não acreditem no que acaba de contar.

O que é importante demarcar é que há uma necessidade estrutural, não apenas para a construção dos pequenos mitos de Hans, como também para o seu progresso e transformações. Não é sempre o conteúdo que importa como, por exemplo, a revivência do que chamamos de complexo anal. Deste, Hans apenas deixa transparecer a questão do “loumf”. Seu aparecimento não era esperado pelo pai, o que Freud observa. Tanto o complexo anal quanto o complexo

de castração surgem durante o acompanhamento feito pelo pai. E se o complexo de castração já representava para Freud um papel importante em 1906 – 1908( período em que estudava este caso), ele ainda não é tratado pelo pai de Hans, pelo menos não deliberadamente, como uma chave principal de suas elaborações. Freud observa que ele não estava advertido de que o complexo de castração era a base por onde passam a instauração e a resolução da constelação subjetiva, a fase ascendente e descendente de Édipo. É por isso que vemos, durante toda a observação, o pequeno Hans reagir ao pai real. E o próprio Freud admite que houve uma intensificação da fobia sob a ação do pai.

Inicialmente Hans estava numa relação com a mãe, na qual prevalecia o engano do jogo intersubjetivo. Nesse jogo, é necessário que a mãe tenha um falo, o que não quer dizer que esse falo seja para ele alguma coisa de real. Ao contrário, o que surge o tempo todo é a ambigüidade que estabelece esta relação numa perspectiva de jogo: ela tem ou não um “wiwimacher”? Nessas relações de Hans com a mãe, impregnadas de intimidade e com a convivência do jogo imaginário, surge, de repente, uma descompensação que se manifesta por uma angústia que diz respeito exatamente à sua relação com a mãe. Esta angústia é ligada a vários elementos de real: o nascimento da irmã, a intervenção do pênis real com o que ela acarreta de complicações. Assim, de um lado, Hans é expulso da situação pela presença da irmã e de outro o falo intervém sob uma outra forma que é a masturbação do pênis. O pênis real desempenha um papel como elemento de difícil integração e é por isso que a angústia surge nesse momento.

Qual é o problema do surgimento da fobia? Até um determinado momento, ele representava o falo desejado pela mãe, tendo o falo se tornado para ele um elemento do desejo da mãe e, por isso, alguma coisa pela qual ele deveria passar para cativar a mãe. Este falo é um elemento imaginário. É necessário que a criança agora se dê conta de que este elemento imaginário possui valor simbólico. É este ponto que ele não pode ultrapassar.

Em outros termos, a criança entra no sistema significante de linguagem, no sistema de discurso, de uma vez só, mas ela não entra em toda a envergadura do sistema. Ela entra nisso de uma maneira pontual, através das relações com a mãe que está lá e que não está. Essa primeira experiência simbólica é totalmente insatisfatória. Não podemos construir o sistema de relações do significante, em toda sua amplitude, em torno do fato de que alguém ou algo que amamos está ou não está aí. Não podemos nos contentar com dois termos, nos é necessário outros. Um mínimo de termos é necessário ao funcionamento do sistema simbólico e trata – se de saber se são três ou quatro. Se o Édipo nos

dá três termos, ele implica certamente um quarto desde que é necessário que a criança o ultrapasse. É preciso, pois, que alguém intervenha no caso e esse alguém é o pai.

Como intervém o pai? Na rivalidade com o pai e no desejo inibido da mãe, esta é a clássica resposta. Mas como isso se dá no caso Hans? Algumas imagens têm, para ele, um funcionamento simbólico. Inicialmente, são as imagens que surgem de sua relação com a mãe, para, em seguida, surgirem outras novas, como o nascimento da irmã. É quando intervêm noções de grande, pequeno. A irmã não tem dentes, mas eles vão crescer. Ela também vai crescer. Além disso, o sexo feminino não tem falo. A todo momento, vamos encontrar o franqueamento do imaginário pelo simbólico. À informação de que as mulheres não têm falo Hans responde com o fantasma das duas girafas: a grande e a pequena. Uma é o duplo da outra. Há o lado “grande e pequeno”, mas há o lado “sempre girafa”. Encontramos, nesse ponto, alguma coisa análoga à criança tomada no desejo fálico da mãe como uma metonímia. A criança é, em sua totalidade, falo e então trata – se de restituir à mãe o seu falo e a criança faliciza a mãe inteira sob a forma de um duplo. Ele fabrica uma metonímia da mãe. Essa pequena girafa é tanto um símbolo que podemos fazer um desenho dela no papel e amassá – lo. Ela é o símbolo da mãe que podemos amassar e sentar em cima. Este é o testemunho do pequeno apaixonado. Esse é um momento de passagem do imaginário ao simbólico. O desenho da girafa é da mesma ordem que um outro desenho de girafa que o pai fez para ele um dia e que Hans pede para completar com um faz – pipi: um traço, separado do corpo da girafa. No caso Hans, este traço ordena a situação do trio: mãe, criança, falo. Há ainda um outro termo: o perfurado, tema que aparece de mil maneiras desde um sonho até a boneca que é perfurada e as coisas perfuradas de dentro para fora e de fora para dentro.

Há também um instrumento lógico que ele introduz em sua passagem mítica e que constitui o terceiro pico de um triângulo com o buraco aberto do perfurado deixando aí um vazio. Se o pênis não está enraizado, não há mais nada e é por isso que existe uma mediação que permita retirá – lo e recolocá – lo. Enfim, é preciso que ele seja removível. É por isso que a criança introduz o parafuso e o tema do serralheiro que vem e o desparafusa, para em seguida vir o instalador e lhe recolocar um pênis maior. A introdução deste instrumento lógico é o que vai ser a verdadeira solução do problema com a noção de que o falo é alguma coisa que é tomado no jogo simbólico, que pode ser combinado, que se fixa e se coloca, mas que circula enquanto elemento de mediação. É a partir desse momento que a criança se encontra prestes a encontrar um primeiro descanso em suas buscas frenéticas de mitos conciliadores que nunca são

satisfatórios e que levarão à última solução que é uma solução aproximativa do complexo de Édipo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LACAN, Jacques. Le Séminaire IV. Paris: Seuil, 1998.

*Psicóloga, psicanalista, membro da Associação Fóruns do Campo Lacaniano e da Internacional Fóruns do Campo Lacaniano; Mestrando em Estudos Literários (Literatura e Psicanálise) na UFMG.*

Rosângela Corgosinho  
Rua Amapá, 81 - Aptº 204 - Serra - Belo Horizonte/MG  
Fone (31) 2284-3384  
E-Mail: corosi@cdlnet.com.br

## O LUGAR DOS PAIS NA PSICANÁLISE COM CRIANÇAS

*Ticiano Coutinho*

Quando os pais nos procuram, geralmente bastante aflitos, pelo sintoma apresentado pelo filho, vêm a pedido de uma cura, ou melhor, de que se cale o sintoma apresentado pela criança. E o lugar que encontram na clínica é o da escuta, não de uma escuta qualquer, já que o sintoma da criança revela algo da verdade do casal parental, mas de uma escuta analítica.

Os pais desde muito cedo, até mesmo antes do nascimento, demandam algo a essa criança, a qual tem de se virar com esse desejo materno/paterno; de ser uma criança normal, menino/menina, etc. E quando essa demanda não é atendida, ou seja, os pais se deparam com a impossibilidade dessa criança ser um substituto do gozo perdido, é que iniciam-se os problemas. E se isso também vem acompanhado de um discurso do social (baixo rendimento escolar, dificuldade de socialização, timidez ou agressividade excessiva) se torna ainda mais insuportável para eles se depararem com esses sintomas.

Os pais reais, entendidos em sua função imaginária, queixam-se, sofrem e apresentam-se em seus respectivos “papéis sociais”, vem com explicações acerca de seu filho, se colocam enquanto pais deparando-se durante o trabalho analítico do filho com suas próprias questões. Porém a psicanálise com a criança não trata dos pais reais e sim em sua dimensão simbólica, com suas funções paterna e materna, que não estão necessariamente vinculadas ao pai e a mãe. Suas funções não estão ligadas a seus papéis sociais.

Os pais simbólicos podem ser entendidos como significantes, como elementos de uma cadeia discursiva e estarem submetidos às leis de funcionamento da linguagem. Então, pais e crianças estão capturados pelas mesmas leis: as do simbólico da linguagem. As amarras deste campo único que enlaça pais e filhos.

O sintoma da criança é metafórico, está no lugar de responder a verdade do casal, onde ela tenta encontrar a solução que lhe permita interpretar o desejo da mãe, e o nome-do-pai vem dar uma solução fálica ao enigma do desejo

materno, ou seja, que esta criança não está no lugar desse desejo, o que para ela (criança) isso seria devastador. Como se vê os pais não estão nunca ausentes da análise de uma criança. Estarão incluídos em sua posição imaginária, participando da fabricação de seus sintomas; não que a criança seja só o sintoma dos pais, pois ela deve ser ouvida como sujeito cuja verdade se faz representar por seu sintoma, e é essa estrutura que a possibilita entrar em análise. Estão presentes aí, por um lado, o real do corpo da criança, e de outro, o imaginário e o simbólico dos pais, esses Outros reais.

Desse ponto de vista, percebemos a importância do envolvimento dos pais no trabalho com a criança, pois deverá passar pela desamarração desse enlace que produz tanto o discurso como dependência e manifestações sintomáticas. A partir dessa escuta se propicia um corte, uma separação entre o que é dos pais - embora já presente na criança - e o que é da criança.

Dessa forma, esses pais deparam-se com suas próprias questões como sujeitos, sendo a criança liberada para tratamento.

Para elucidar, um fragmento clínico. Trata-se de um menino com dez anos de idade com a queixa de fobia. Os pais chegam através da orientação da escola do filho, pelo fato da recusa do mesmo em continuar freqüentando a escola, assim como também visitar seus amigos ou dormir sozinho em seu quarto. João (assim o chamarei), desde a mais tenra infância apresentava alguns sintomas fóbicos, segundo a mãe sempre foi uma criança muito medrosa, porém isso vinha tomando maiores proporções. Até que se tornou insuportável, principalmente para a mãe, já que esta é que passava maior tempo com ele. E diante de cada cena cotidiana de separação, ele entrava em desespero, além do choro apresentava diarreia e vômito.

Durante as primeiras entrevistas com os pais, percebo algumas dificuldades relacionada a eles enquanto casal parental, pontos de vista discordantes relacionados ao aspecto educacional do filho, objetivos comuns de vida, crenças religiosas e outros; onde sempre prevalecia a posição materna em detrimento do ponto de vista paterno, construindo uma imagem fálica dessa mãe/mulher.

E João vai se posicionar aí, tentando interpretar esse desejo materno, se tornando parceiro dessa mãe, a ponto de sufocar essa mulher (segundo ela). Diante desse desejo materno aparentemente devorador e da dificuldade da inscrição do nome-do-pai, os sintomas fóbicos começam a surgir.

Já com essa criança em tratamento, fez-se necessário minha intervenção, fazendo essa função de nome-do-pai entre João esse desejo materno. E percebo que a partir daí, ele se torna mais aliviado, menos temeroso. Porém é

com sua própria atuação que torna mais clara sua saída da posição de sustentação desse desejo materno. A mãe resolve, por sua conta e risco, leva-lo em outra profissional (também psicóloga, porém de outra linha teórica) a fim de obter respostas mais elucidativas a respeito dos sintomas apresentados pelo filho. E de nada adiantou minha discordância sobre tal fato. O que foi inesperado (digase para a mãe), é que já na sala de espera, quando são chamados para a entrevista com a profissional, ele anuncia: Vá você, eu não quero ir conversar com ela, foi você quem quis vir, fico aqui te esperando.

João fez com esse ato o corte, separou aí o que era desse desejo materno e o que era de seu desejo, podendo saber então sobre si, e suportar essa separação. A partir daí, foi possível questionar o que era seu nessa história. Segundo Philippe Lacadée no texto em que fala sobre o ensinamento de Lacan, a questão seria saber como a criança vai sair da posição de objeto a para o ser que a colocou no mundo, ou seja a mãe. Como ela passa de objeto a, que é o que ela é, à versão do objeto a que ela vai ter, no fundo então qual é a construção, qual é o seu fantasma?

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ROSEMBERG, A. M. O lugar dos pais na psicanálise com crianças.  
SAURET, M. J. Lá onde era a criança, devo eu advir. Revista Estilo n ° 1, 1988.  
\_\_\_\_\_. A criança, o passe, a psicanálise. Estilo n ° 1, 1988.  
ADAM, J. A Lógica do sintoma. Estilo n ° 1, 1988.  
\_\_\_\_\_. O Estatuto do sintoma. Estilo n ° 1, 1988.  
LACADEÉ, P. A psicanálise e a criança. Estilo n ° 1, 1988.

*Psicóloga, especialista em Psicanálise pela Universidade Estadual de Umuarama*

Ticiane Coutinho  
Rua Major Capilé, 2691 - Campo Grande/MS  
Fone (67) 421-8907  
E-Mail: ticiane\_coutinho@hotmail.com





---

# ***Resenhas***

---





## UM CERTO TIPO DE MULHER

*Maria Anita Carneiro Ribeiro*

Editora Contracapa, 2000

Maria Anita Carneiro Ribeiro, psicanalista, membro de Formações Clínicas do Campo Lacaniano e Doutora em Psicologia Clínica, nos apresenta com a obra “Um Certo Tipo de Mulher”, onde reorienta a escrita psicanalítica das mulheres obsessivas. Neste trabalho, há tanto um desdobramento fio-a-fio, quanto uma sustentação rigorosa do que Freud diagnosticou como neurose obsessiva.

A autora parte da teoria freudiana e de sua principal contribuição nosográfica da época; não desconsiderando a constatação clínica de que, não menos que as históricas, as mulheres obsessivas nos ensinam algo “sobre o aspecto do contingente negro da feminilidade”. Pode-se perceber neste livro, que um analista deve poder se antecipar a uma possível interrupção do tratamento, sob o argumento banal e corriqueiro de que “tudo está bem”, avaliando o alcance de uma compulsão, sendo este um elemento importante na neurose obsessiva de uma mulher.

Nesse sentido, o livro também evidencia a importância do estabelecimento de um diagnóstico estrutural e de como ele é imprescindível para a resposta do analista, em face do sofrimento do sujeito.

Maria Anita nos propõe inicialmente, as formas em que se apresenta a neurose obsessiva na mulher, não elidindo a questão que a castração feminina impõe e tratando tanto de distinguir neurose e psicose, quanto de reconhecer a estratégia de cada tipo de neurose.

Em seguida, no capítulo “As Damas Obsessivas e o Falo”, a autora nos lança numa análise no modo particular de degradação do Outro na neurose obsessiva feminina. Fazendo uso de um texto literário como se fosse um caso clínico, Maria Anita nos propõe outra série instigante.

Entretanto, é no capítulo seguinte, que há um desdobramento no enunciado freudiano, segundo o qual, “quase se pode dizer que a neurose obsessiva é uma religião particular”, onde a autora descreve as “religiões significantes”.

Posteriormente, encontramos uma abordagem da verdadeira natureza das máscaras que vestem as mulheres obsessivas, onde se discute, na

contracorrente de uma certa prática pós-freudiana, bastante criticado por Lacan, a “teoria da relação de objeto”. Neste contexto, Maria Anita nos mostra que não é fetiche sem a referência do outro sexo.

Em seguida, na reflexão sobre “A Dor de Medeia”, a autora desvenda um aspecto peculiar da neurose obsessiva em mulheres: a obsessão infanticida. “Se de fato a dor de uma mulher obsessiva tem sempre algo de Medeia, então a excessiva preocupação com seus filhos não tem como consequência a privação sexual”. Maria Anita destaca uma possível leitura da relação particular da mulher obsessiva com a verdade: a obsessiva que renuncia que o filho não é o falo.

Já no oitavo capítulo, a autora retoma a confusão diagnóstica entre a neurose obsessiva e a melancolia, ainda hoje freqüente, sobretudo no tratamento de mulheres.

É nessa direção que residem as contribuições do presente livro, sustentado pelo diálogo com as referências psiquiátricas e psicanalíticas num entusiasmo com a prática analítica e pela persistência causada pelo ensino de Lacan.

*Karine Santos Vieira*  
Psicóloga

## O QUE QUER UMA MULHER?

*Serge André*

Jorge Zahar Editor

*Rio de Janeiro, 1998*

Sabe-se que Freud se formulava a pergunta nos termos “o que quer a mulher?”. Ao retomar este enunciado mediante a modificação para “o que quer uma mulher?”, o autor pretende, antes de mais nada, examinar como os progressos mais recente dos ensinamentos de Jacques Lacan permite reajustar o ângulo sobre o qual essa questão pode ser abordada.

Trata-se então de determinar se a psicanálise nos permite precisar um anseio que seja especificamente feminino. Existiria um voto cujo o objetivo seria de uma fixidez inabalável para toda a mulher? A problemática da inveja feminina do pênis deve ser demarcada, na obra freudiana, como a chave de um desejo, permitindo reunir as mulheres num conjunto. É precisamente esta noção de um “conjunto de mulheres” que Lacan repõe fundamentalmente em causa, e eis porque este livro acentua o termo uma mulher. Aqui Serge André tenta explicar como Lacan pode tirar, de sua própria leitura de Freud, esta conclusão cuja a fórmula se tornou o slogan que se sabe: “a mulher não existe”, fórmula solidária a uma outra, não menos instigante: “não há relação sexual”.

A realidade do sexo não é o real do órgão anatômico, pois o que se trata de aprender não é uma diferença entre órgãos ou cromossomos, mas uma diferença que supera a materialidade da carne – a existência ou inexistência do único órgão reconhecido por Freud, o pênis, o que converte a realidade feminina na figura maior do “não todo” que a psicanálise permite, em última instância, conhecer. Retomar uma questão do que quer uma mulher exige que se questione os fundamentos e os meios do saber que o psicanalista tira de sua experiência. É a prova da verdade do psicanalista, a feminilidade encontrando aí seu estatuto da metáfora da verdade.

Serge André em seu livro *O que quer uma mulher?* Uma obra que apresenta a versão reescrita e resumida de um seminário feito em Bruxelas na *Fundation Universitaire* durante o ano acadêmico de 1982 - 1983, inicia com a questão “o que assegura a pertinência da intervenção do psicanalista? – É – Lacan nos diz – um saber posto em posição de verdade, o dispositivo psicanalítico compreende a descoberta e a atualização de um saber que nos afeta, que engaja nossa subjetividade.

Como Freud em seu estudo do lapso, é no erro que melhor se confessa o verdadeiro. A verdade é, finalmente, o encontro sempre faltoso com um real que não se consegue designar, no discurso, senão como ponto de umbigo, lacuna, representação faltosa.

A psicanálise não permite saber tudo, pois o inconsciente não diz tudo. Lacan nos convida a compreender que esta falha não é da ordem de uma imperfeição, ela constitui a chave para a própria estrutura do saber. Convém, pois, dar forma afirmativa a nossa proposição: a psicanálise permite saber o “não todo”, por que o inconsciente diz “não todo”.

Freud e Lacan mostram que a psicanálise chegou a designar na feminilidade a figura maior, sem dúvida original, desse “não todo” e, teoria da castração, a resposta que o inconsciente elabora em face do impossível de dizer que o sexo feminino encarna.

## O Tornar-se Mulher

Se não há sexo feminino enunciável como tal, a feminilidade não pode ser concebida como um ser que seria dado desde o início, mas como um se tornar – e um se tornar que, paradoxalmente, se inaugura para a menina a partir de seu complexo de masculinidade. Essa articulação se encontra em germe desde a primeira redação dos Três Ensaios... em 1905, e no artigo “As Teorias Sexuais Infantis”: a menina tem inicialmente uma sexualidade clitoriana de caráter masculino e torna-se necessária uma onda de recalques nos anos de puberdade para deixar aparecer a mulher, expulsando a sexualidade masculina. É sobretudo a partir de 1925 que Freud vai desenvolver sistematicamente esta idéia de tentar expor como nasce uma mulher.

A menina não ama seu pai desde o início, da maneira como o menino ama sua mãe, a criança, qualquer que seja sua anatomia, é inicialmente sempre menino frente à mãe, e é num segundo campo que uma feminilização, destacando os meninos das meninas, pode se produzir frente ao pai.

O ponto de báscula entra estes dois tempos é fornecido pelo impacto diferente que imprime, no menino e na menina, a descoberta da castração da mãe: “Enquanto o complexo de Édipo no menino se dissolve sob o efeito do complexo de castração, o da menina é tornado possível e introduzido pelo complexo de castração”. E Freud acrescenta “Essa contradição se esclarece

quando se pensa que o complexo de castração opera sempre no sentido implicado por seu conteúdo: inibe e limita a masculinidade e encoraja a feminilidade”.

A descoberta da castração da mãe acarreta, tanto para o menino quanto para a menina, uma desvalorização do personagem materno; além do mais a menina, ao tornar a mãe responsável por sua própria falta de pênis, junta a esse desprezo um ressentimento, que se traduz por desejo com relação àquele que tem o pênis. A menina é assim levada a se voltar para o pai, portador do pênis, na esperança de receber dele aquilo que sua mãe, por natureza, não lhe pode dar. Em outros termos, é na medida em que ela quer ter aquilo que falta a sua mãe que se torna uma mulher.

Assim, o tornar-se mulher aparece como um impasse, e Freud se resigna a fazer da inveja do pênis o termo insuperável da análise de uma mulher. O destino da feminilidade, na doutrina freudiana, é problemático.

Lacan nos diz que “não há significante do sexo feminino”. Formulado desde seu Seminário sobre As Psicoses, essa asserção só faz formular ao nível imaginário, com “a ignorância da vagina”. Ainda dessa vez, Lacan nos permite compreender Freud: a vagina é ignorada enquanto sexo feminino, propriamente dita, mas enquanto falo escondido, até mesmo enquanto novo seio, ela é conhecida até demais.

Lacan, por sua vez, recoloca a questão da libido feminina, mas puxando-a resolutamente para o lado do gozo: haverá um gozo próprio a mulher?

Enfim, enquanto Lacan enuncia que “A mulher não existe”, não seria esta uma forma de retomar a tese freudiana segundo a qual a feminilidade não é um ser, mas um se tornar, mas, mais do que uma retomada, é uma verdadeira solução para o impasse freudiano que assim se esboça. Para abrir as portas a um tornar-se mulher, Freud se apoiava na divergência de repercussão do complexo de castração no menino e na menina.

A menina, na sua doutrina, só dispõe da referência a castração para tornar-se mulher. É evidente que essa observação não basta, ficando o sujeito, aí, condenado a se deter na inveja do pênis. Para Lacan, entre o furo e a castração a relação não é de um simples recobrimento. Isso por um motivo que a lógica do significante permite estabelecer: o furo não deve ser considerado como anterior ao significante que vem nomeá-lo.

O falo não camufla o furo, fá-lo surgir como seu mais além. Este paradigma que nos oferece uma nova chave para a leitura do complexo de castração, Lacan o exprime lindamente no início do Livro XI de seu Seminário:



“Onde está o fundo? É a ausência? Não. A ruptura, a fenda, o traço da abertura, faz surgir a ausência – como o grito não perfila sobre o fundo do silêncio, mas ao contrário, fá-lo surgir como silêncio”. Se for seguida essa indicação – que delimita o significante em sua função criadora – o falo e a castração não mais se colocam como obstáculo à feminilidade, mas, ao contrário, como as condições para toda a feminilidade possível.

E assim segue o autor, em seu livro através de vários textos sobre a feminilidade, e trazendo, como ele diz, a profunda comunidade e continuidade que liga as obras de Freud e Lacan afirmando que, de um a outro a mesma obra tem prosseguimento, obras que segundo ele parecem em curso.

Envolvidos por este desejo de compreensão e pretensão de contribuir com a teoria diante da prática o Ágora Instituto Lacaniano, está apresentando seminários e sessões clínicas sobre o Tema O Que Quer Uma Mulher. Venha participar.

*Marilene Kovalski*

## **MARRAIO:**

Revista de Psicanálise com Crianças

Editora: Maria Anita Carneiro Ribeiro

Formações Clínicas do Campo Lacaniano

Editora Contra Capa

Rio de Janeiro, 2000

Maria Anita é psicanalista, membro do Colegiado de Formações Clínicas do Campo Lacaniano, Doutora em Psicologia Clínica, coordenadora acadêmica do Curso de Especialização em Psicologia Clínica da PUC do Rio de Janeiro e professora do Mestrado em Psicologia e Psicanálise do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. Autora de diversos artigos publicados no Brasil e no exterior, e também do livro, recém-lançado *Um Certo Tipo de Mulher*.

Marraio, palavra escolhida para nomear a revista foi extraída das brincadeiras de bola de gude e segundo Maria Anita, Marraio é todo sujeito ao jogar a partida de seu destino.

Revista de psicanálise aberta à discussão de temas teóricos, ao debate da clínica com crianças, mas sobretudo à inserção da psicanálise na contemporaneidade, teve o seu volume *zero* lançado em novembro de 2000, dedicado ao tema *A Criança e o Laço Social*. Incluindo diversos artigos teóricos, casos clínicos, entrevista e ainda uma reportagem sobre *Um Hospital –Dia com Crianças*, convida os leitores a um novo olhar diante da criança. Segundo Maria Anita, à “criança generalizada”, nostalgia de um completude impossível, a psicanálise contrapõe o sujeito do inconsciente, determinado pelo verbo e causado pelo objeto para sempre perdido. Ao foracuir o sujeito do inconsciente, toda ideologia, mesmo o liberalismo, conduz à segregação.

A temática do volume *um*, lançado em abril de 2001 é *Da Infância a Adolescência*. Seguindo a indicação de Sonia Alberti em *Esse Sujeito Adolescente*, de que a adolescência é a “travessia das aparências”, travessia dos semblantes, na qual o jovem se defronta com o fato de não haver escapatória para o mal-estar do sexo, a editora vai apontar que na passagem da infância para adolescência, a questão que surge novamente é a do sujeito do inconsciente. “Qual o estatuto desse sujeito?” Esta pergunta colocada na abertura da revista nos leva a um debate com os diversos autores, que com os seus estudos teóricos e escutas clínicas trazem valiosas contribuições, possibilitando ao leitor até mesmo a levantar novas questões.

“À psicanálise não cabe expiar os males do mundo, nem denunciar historicamente os tortos caminhos de nossa civilização. Aos psicanalistas cabe, no entanto, levar adiante o legado de Freud, dar conta de sua prática e da ética que a sustenta, sobretudo manter vivo o discurso do analista, avesso do discurso do mestre, ou seja, refletir sobre o cotidiano de nossa civilização da qual a psicanálise surgiu e faz parte. Esta é a proposta de Marraio.”

*Mariangela Bazbuz*



GRAFIKA  
(67) 342-2146 • [grafika@terra.com.br](mailto:grafika@terra.com.br)

•TEORIA E CLÍNICA

As formas do amor na partilha dos sexos

*Antonio Quinet*

Mãe, mãe minha, existe alguém mais bela do que eu?

*Marilene Kovalski*

Uma mulher deslumbrante

*Andréa Brunetto*

A ambivalência feminina no reino dos clichês fornecidos pela indústria cultural

*Dulce Regina dos Santos Pedrossian*

Um sujeito histérico entre o discurso e o significante d'A Mulher

*Rainer Melo*

Conta-se a verdade a uma criança?

*Mariangela Bazbuz Lima*

Falar de morte com as crianças

*Raymundo de Lima*

A fobia do Pequeno Hans

*Rosângela Corgosinho*

O lugar dos pais na psicanálise com crianças

*Ticiano Coutinho*

•RESENHAS

**Pedro Kemp**



grafika@terra.com.br • (67) 342-2146

**allamare**

(67) 3026-8110